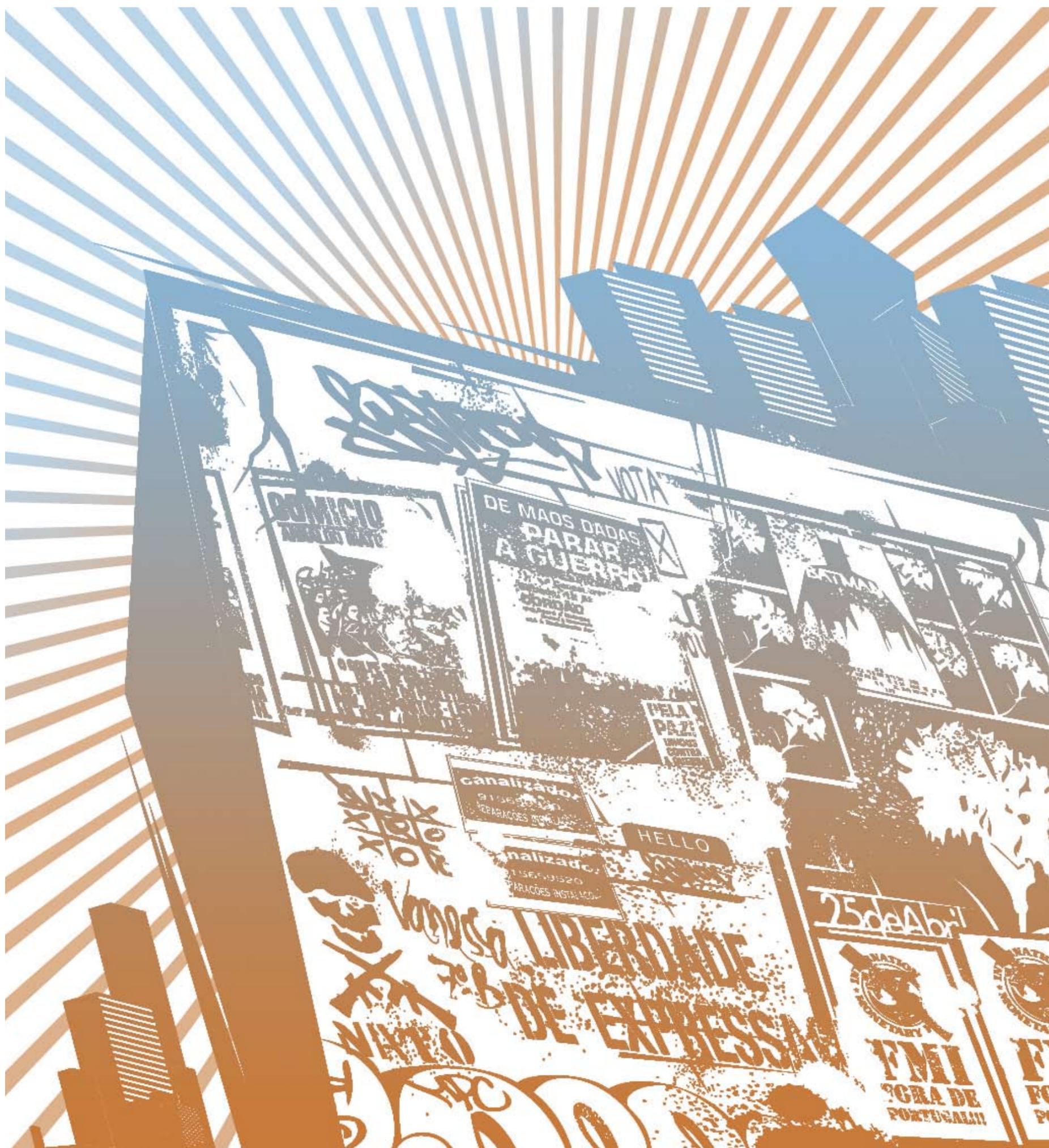


# LISBOA CAPITAL REPÚBLICA POPULAR



## DISCURSO DIRECTO

As histórias de uma vida de Alípio de Freitas: o padre progressista, agitador social e grande defensor da liberdade que inspirou Zeca Afonso.

## SEM MORDAÇA

Demos liberdade de expressão a Jorge Perreira Pires, Afonso Cruz, Pedro Vieira e Mário Caeiro.

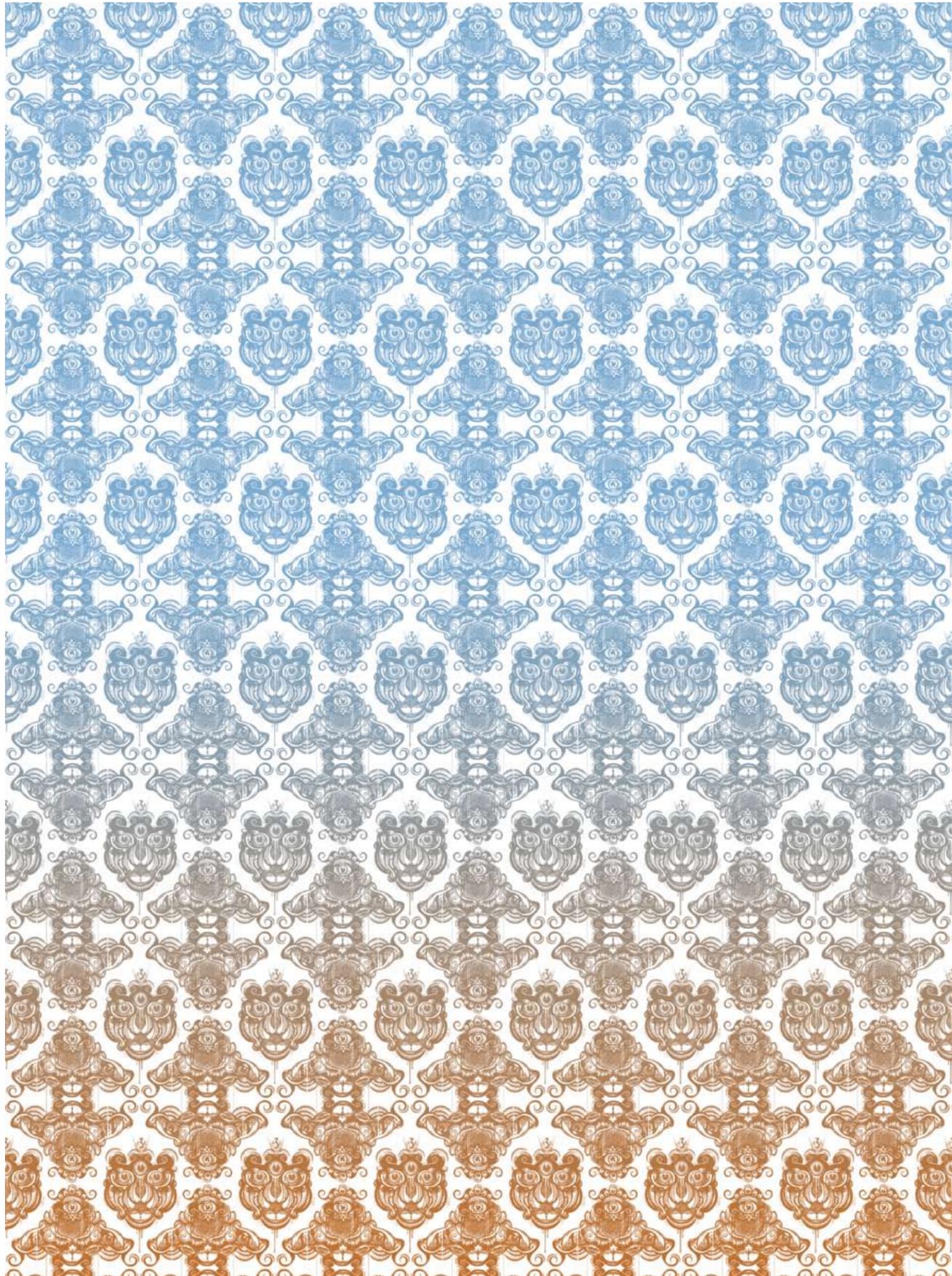
## PALAVRA DE ORDEM

Rádio Macau, Cacique 97, Os Golpes, Rui Pregal da Cunha, Aldina Duarte, Social Smokers, Manuel Freire, Dealema e Velha Gaiteira dizem de sua justiça.

## JUNTA A TUA À NOSSA VOZ

Lançamos o repto: que slogan escreverias hoje numa parede? Neste jornal, leia o mural das inquietações contemporâneas.

**ESTE JORNAL FOI INTEIRAMENTE ESCRITO E REVISTO A LÁPIS AZUL.**



# EDI TO RIAL

Em Portugal, tempos houve em que a habilidade no uso da metáfora e a destreza de estilo eram armas temidas pelos regimes opressores. Os autores, poetas e letrados viam-se obrigados a grandes subtilezas para, nas entrelinhas, transmitir as mensagens que queriam passar a quem as queria ouvir.

Era uma espécie de jogo do gato e do rato. Não raros eram os casos em que, simplesmente, as canções não tinham qualquer mensagem e nasciam pelo puro gozo de ludibriar os censores — o *non sense* e um certo toque surrealista serviam para pôr à prova a capacidade de decifração dos homens do lápis azul. A ausência de mensagem tornava-se por si própria uma forte mensagem. Neste país, muitos foram os que, ao longo de algumas décadas, refinaram esta capacidade de irritar o sistema tendo, por isso, sido perseguidos, obrigados a recorrer ao exílio e emigrar para países onde, pelas mesmas razões, eram acarinhados e apoiados na sua luta. Muitos foram também os que passaram pelas prisões e lá escreveram algumas das poesias e letras mais emblemáticas da luta contra o regime.

Tratava-se de uma luta fundamental pela criatividade, pela liberdade de expressão e, em última análise, pela própria existência do livre pensamento.

Desde a idade média, com os trovadores, que a canção procura abordar e enfatizar a crítica social. As cantigas de escárnio e maldizer eram, por natureza, poemas cantados que procuravam satirizar indirectamente algo ou alguém recorrendo ao duplo sentido, aos jogos semânticos que as palavras ofereciam. Estas cantigas, em que não se identificava o destinatário, tinham um carácter

cómico e dependiam muito de recursos retóricos. Eram cheias de subtilezas e trocadilhos e tinham um estilo muito provocatório. Desde então, e até aos nossos dias, estas ferramentas foram sendo aperfeiçoadas, refinadas e trabalhadas sempre com o intuito de criticar e provocar o poder instituído.

Mas, hoje, de outros tempos falamos; os regimes neo-liberais deram a volta à questão: se, por um lado, a massificação dos media e as novas tecnologias dificultam o trabalho dos censores e é cada vez mais difícil calar a voz de quem critica ou prever o alcance da mensagem que a canção transmite, por outro lado, o poder de controlo dos grandes grupos de comunicação social e a força das indústrias ligadas ao lazer trataram de banalizar essa mesma luta, transformando-a em modas de carácter cíclico e por vezes direccionadas apenas a determinados grupos da sociedade.

Será que hoje a canção ainda é uma arma eficaz contra o poder estabelecido? Será que com a palavra e a poesia ainda se constroem hinos à liberdade? Será ainda possível que a força de uma cantiga a torne num símbolo de um determinado momento, movimento ou geração? Nesta terceira edição do jornal e do Festival Lisboa Capital República Popular, procurámos lançar o debate convidando personalidades de diversas áreas culturais a reflectirem sobre o tema da liberdade de expressão, relembrando a revolução de Abril e servindo-nos mais uma vez da canção como uma arma para a reflexão.

## MUSICBOX

## ÍNDICE

TAL COMO NAS ANTERIORES EDIÇÕES, NESTE JORNAL OS TÍTULOS DOS ARTIGOS CORRESPONDEM A CANÇÕES DOS MÚSICOS CONVIDADOS

- 04 | "A NOSSA GUERRA É OUTRA" <sup>Dezalema</sup> "AMANHÃ É SEMPRE LONGE DEMAIS" <sup>Radio Macau</sup>
- 05 | "ESTRADA DA VIDA" <sup>Social Smokers</sup>
- 06 | "ACORDAR" <sup>Radio Macau</sup>
- 08 | "EU QUERO TUDO" <sup>Cacique 97</sup>
- 08 | "TERRITÓRIO JUSTO" <sup>Os Golpes</sup>
- 10 | "EI-LOS QUE PARTEM" <sup>Mamuel Freire</sup>
- 11 | "PEDRA FILOSOFAL" <sup>Mamuel Freire</sup>
- 12 | "CONVERSA DE ESQUINA" <sup>JP Simões & Afonso Pais</sup>
- 15 | "MURO VAZIO" <sup>Aldina Duarte</sup>
- 15 | "VOCIFEROZ" <sup>JP Simões & Afonso Pais</sup>
- 15 | "A VELHA A FIAR" <sup>Velha Gaitaria</sup> "RIMANDO CONTRA A MARE" <sup>Zeca Medeiros</sup>

# “A NOSSA GUERRA É OUTRA”

## ONDE SE PAZEM AS REVOLUÇÕES DO SÉCULO XXI?

EM 1971, GIL SCOTT-HERON DIZIA AO MUNDO QUE A REVOLUÇÃO NÃO IA PASSAR NA TELEVISÃO. TRÊS DÉCADAS DEPOIS, MALCOLM GLADWELL RENOVA A PROFECIA DO MÚSICO NORTE-AMERICANO E VEM DIZER QUE TAMBÉM NÃO É NO TWITTER QUE AS GRANDES MUDANÇAS SE FAZEM. NA ERA DAS REDES SOCIAIS E DOS “GUERRILHEIROS VIRTUAIS” A PERGUNTA IMPÕE-SE: AFINAL PODE A REVOLUÇÃO SER FEITA A 140 CARACTERES?

Passar a palavra e marcar protestos no Facebook, comunicar no terreno por tweets, mostrar os resultados no Youtube. Foi assim em Janeiro de 2011, no Egipto, e outra coisa não seria de se esperar. Afinal, estamos em plena era digital e as populações sempre souberam utilizar os melhores meios que tinham à disposição na altura para se fazerem ouvir. O século XXI não foi excepção: aproveitou o enorme potencial da internet e das redes sociais e inaugurou aquilo a que muitos chamam já de activismo on-line.

A revolução que deitou por terra o regime de Hosni Mubarak não foi pioneira neste tipo de activismo. Em 2009, já os jovens moldavos utilizavam o Twitter e o Facebook para organizar os protestos contra a vitória comunista nas eleições parlamentares. Para muitos, o contributo das redes sociais e das novas tecnologias foi decisivo para que a população da Moldávia aderisse em massa às manifestações convocadas. A “Grape Revolution” passou rapidamente a “Twitter Revolution” e o exemplo replicou-se depois na Tailândia, em 2010, na Tunísia, Egipto e Líbia, já em 2011.

Hoje, não há manifestação ou movimento social que não explore em pleno as potencialidades dos novos media. Por cá, o Protesto da Geração à Rasca, que nasceu e cresceu na Internet, espelhou bem a força que as redes on-line têm quando é preciso pôr gente na rua por uma causa. No Facebook, quase 70 mil confirmaram a presença numa das onze cidades que acolheram os protestos, mas só em Lisboa acabaram por ser mais de 200 mil os que responderam ao apelo lançado por três jovens fartos da precariedade e da falta de emprego no país.

Estas recentes movimentações sociais apoiadas nas novas formas de comunicar em massa têm feito crescer o entusiasmo pelo activismo digital, mas para Malcolm Gladwell – jornalista da *The New Yorker* que já é considerado um dos mais influentes pensadores contemporâneos – não é na Internet que se fazem as revoluções. Em Outubro de 2010, Gladwell escrevia “Small Change – Why the revolution will not be tweeted”, artigo onde reflecte sobre a natureza dos protestos pré e pós Twitter e que tem lançado alguma água na fervura dos últimos tempos. O jornalista, que esteve recentemente em Lisboa, não nega a importância ou a eficiência das redes sociais nos recentes protestos, mas dá o alerta: a internet pode estar a criar um “activismo de alto-risco” mesmo debaixo das nossas barbas. O problema, diz Gladwell, é que as redes sociais são eficazes a aumentar do número de participantes em manifestações ou movimentos, mas não necessariamente a criar uma verdadeira motivação e envolvimento capaz de gerar uma revolução por si só. Para o jornalista não basta que existam os meios de divulgação que permitam a expressão da revolta e a adesão significativa a uma causa: é necessário que existam também estruturas sociais mais sólidas que possam efectivamente fazer a mudança no terreno.

## AMANHÃ É SEMPRE LONGE DE MAIS

A liberdade de expressão é um conceito relativamente novo nas sociedades ocidentais. Trata-se de uma aspiração laica, democrática e republicana que começou a ser defendida e propagada a partir dos finais do século XVIII. Até essa altura, a liberdade de expressão, não só não existia enquanto conceito autónomo, como apenas podia ser praticada de forma aparentemente “livre” por parte de quem exercia o poder; fosse ele senhorial, real ou religioso. Foi preciso esperar pelo eclodir de duas grandes lutas pela liberdade para ver este conceito consagrado em letra de lei: a independência dos Estados Unidos face à coroa britânica e a Revolução

Francesa. Singularmente, em ambos os lados do Atlântico, será no mesmo ano de 1789 que, no forjar dos princípios fundamentais para uma nova sociedade, se inscreverá a liberdade de expressão enquanto direito. No caso americano, trata-se do famoso First Amendment que, ao enunciar o impedimento do congresso de criar qualquer lei limitativa à liberdade de expressão, consagra esta como um direito fundamental dos cidadãos, permitindo não só a livre expressão das ideias e crenças como, também, a sua difusão: “O congresso não deve fazer leis a respeito de se estabelecer uma religião, ou proibir o seu livre exercício; ou diminuir a liberdade de expressão,

Da mesma maneira que pode juntar pessoas por uma causa, por um movimento social ou mobilizar populações pela liberdade ao ponto de fazer cair governos, a internet tem mostrado outra grande potencialidade: a formação de verdadeiras guerrilhas on-line. O marketing digital chegou em força à política mundial e hoje qualquer campanha eleitoral inclui especialistas em internet e redes sociais. A candidatura vitoriosa de Barack Obama foi talvez a primeira a levar tão a sério o poder dos novos media, mas não foi a única. Nas últimas eleições presidenciais brasileiras, muito se falou no “bunker” secreto onde se planeava toda a campanha de comunicação de Dilma Rousseff. Segundo uma reportagem d’ *O Globo* era ali que se concentrava um verdadeiro batalhão de guerrilheiros virtuais cuja missão passava, entre outras funções, por criar centenas de perfis no Facebook e Twitter que serviam tanto para atacar os outros candidatos como para defender Dilma dos ataques adversários.

Para além destas verdadeiras batalhas campais on-line entre candidatos a cargos políticos, há outro tipo de “guerrilhas” a operar na sombra da rede. O Wikileaks é o exemplo mais óbvio, ou não tivesse tomado proporções gigantescas. O site que publica documentos secretos e divulga informações disponibilizadas por fontes anónimas veio revolucionar o jornalismo mundial e questionar até que ponto a informação circula livremente no mundo democrático. O projecto do australiano Julian Assange é um alvo constante de ataques de outros hackers, que tentam a todo o custo eliminar o Wikileaks da rede, mas a enorme aposta na segurança tem mantido o site on-line numa dura batalha virtual sem rosto nem lei. Um pouco por todo o mundo, começam a surgir projectos semelhantes que utilizam a mesma estratégia das fontes anónimas para denunciar casos de corrupção, terrorismo ou violação dos direitos humanos e há até quem pretenda disponibilizar a tecnologia utilizada no Wikileaks para que outros lhe possam seguir o exemplo.

O mundo virtual parece estar imparável e já ninguém consegue negar o poder de comunicação e mobilização que encerra. Não é por acaso que uma das primeiras preocupações dos ditadores é impedir o acesso ao Twitter e ao Facebook assim que há indícios de revolta nas redes. Da mesma forma que não nos devem surpreender os pedidos para que este ano o Prémio Nobel da Paz seja atribuído ao Wikileaks ou à Internet, pelo papel que têm desempenhado pela liberdade de expressão no mundo. As mensagens de 140 caracteres, os eventos em murais virtuais e os “vazamentos” anónimos de informação podem não fazer revoluções, mas ajudam. E as provas estão por todo o lado.

Patrícia Raimundo

ou da imprensa; ou sobre o direito das pessoas de se reunirem pacificamente, e de fazerem pedidos ao governo para que sejam feitas reparações por ofensas”. Em França, será no texto fundamental e fundador – na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão assinada pela Assembleia Nacional em 6 de Agosto de 1789 – que os cidadãos franceses verão reconhecida a velha aspiração de liberdade de expressão de todos aqueles que lutaram pela queda do regime monárquico. No artigo 11º, e depois de terem sido enunciados os princípios fundamentais da igualdade, surge a frase: “todo o cidadão pode [...] falar, escrever, imprimir livremente”.

Mas, ainda assim, e apesar destes textos pioneiros no que à consagração deste direito diz respeito, foi preciso esperar quase dois séculos para ver, pela primeira vez, inscrever-se a liberdade de expressão como direito a ser mundialmente reconhecido e consagrado através da Declaração Universal dos Direitos do Homem da Organização das Nações Unidas de 1948 que estipula no artigo 19º que “Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão”.

OPINIÃO

# ESTRADA DA CUIDA SÓBOLES

QUE AFINAL O QUE IMPORTA NÃO É HAVER GENTE COM FOME. PORQUE ASSIM COMO ASSIM AINDA HÁ MUITA GENTE QUE COME. MÁRIO CÉSARINY, “PASTELARIA”

O ESPECTÁCULO NÃO É UM CONJUNTO DE IMAGENS, MAS UMA RELAÇÃO SOCIAL ENTRE PESSOAS, MEDIATIZADA POR IMAGENS. GUY DEBORD, *A SOCIEDADE DO ESPECTÁCULO*

Há diversas formas de considerar o tempo – para nem falarmos das diversas formas de o habitar. Entre a eternidade e o instante fátuo, existe uma galeria potencialmente infinita de passos intermédios. Por conveniência prática poderíamos distinguir desde já um tempo trans-histórico, um tempo cronológico, um tempo social e um tempo individual, ou mesmo privado – o tempo de uma vida, com duração indeterminada em mais de um sentido. Do ponto de vista da existência, todos esses tempos, que coexistem, adquirem uma dimensão de territorialidade: temos a dimensão (o espaço) do tempo que percorremos, do tempo que medimos, do tempo que partilhamos e do tempo que fazemos. E esse tempo expande-se continuamente, para o futuro e para o passado. A situação é portanto dinâmica, por inerência. Em determinadas circunstâncias, em momentos felizes que normalmente decorrem da experiência estética, tudo isso se pode cristalizar numa imagem – uma imagem-cristal, como lhe chamou Deleuze – que expõe e relança, com todas as suas facetas, esse jogo perpétuo.

Muita gente morre, muita gente nasce, e pelo meio há gerações que se sucedem. Foram outrora descendências, proles, linhagens, genituras, parenteias, mas logo

que se alteraram as condições da produção e ganhou preponderância a noção de capital entendeu-se que isso, o que assim se acumulava, ao correr do tempo, também representava um certo pecúlio – um capital de gerações, graciosamente avolumado por periódicas gerações de capital. Fizeram-se contas (começemos por agradecer a Comte), defendeu-se tal quadro como ideia e modelo de ciência, flagrante exemplo do ínclito Progresso em imparável linha de ascensão – e ancorada nessa imagem, sobreveio a mercantilização do mundo,

com as suas estrias, as suas quadrículas, a sua logística de inspiração militar. E seguidamente as democracias-mercado, com o “homem médio” das estatísticas a ser retalhado em “segmentarizações” cada vez mais ínfimas – antes de o mesmo suceder ao espaço público e aos meios de comunicação, antecedendo uma abreviação da linguagem em nome do “fluxo”. A fragmentação do social em “gerações” caracterizadas pelos seus padrões de consumo só ganhou terreno após a Segunda Guerra, desde logo como campo fértil para publicitários e comerciantes. Estava instalado o palco. De então para cá, a cada década tem-se procurado fazer corresponder uma dada geração, um padrão de consumo que suporte a produção, e

ultimamente tenta-se até fazer isso na propaganda de cada nova engenhoca electrónica – gerações com patrocinador, a cada seis meses.

Para cada geração, um espectáculo. O espectáculo não pode deixar de operar em público: atrai, concentra as atenções, e suscita uma inevitável reacção perceptiva – razões bastantes para que o velho padre Tertuliano nele detectasse outras tantas portas expostas aos demónios. Mas isso é mera acção psicológica. Haver espectáculo não é condição suficiente para que haja experiência estética, e muito menos uma experiência relevante.

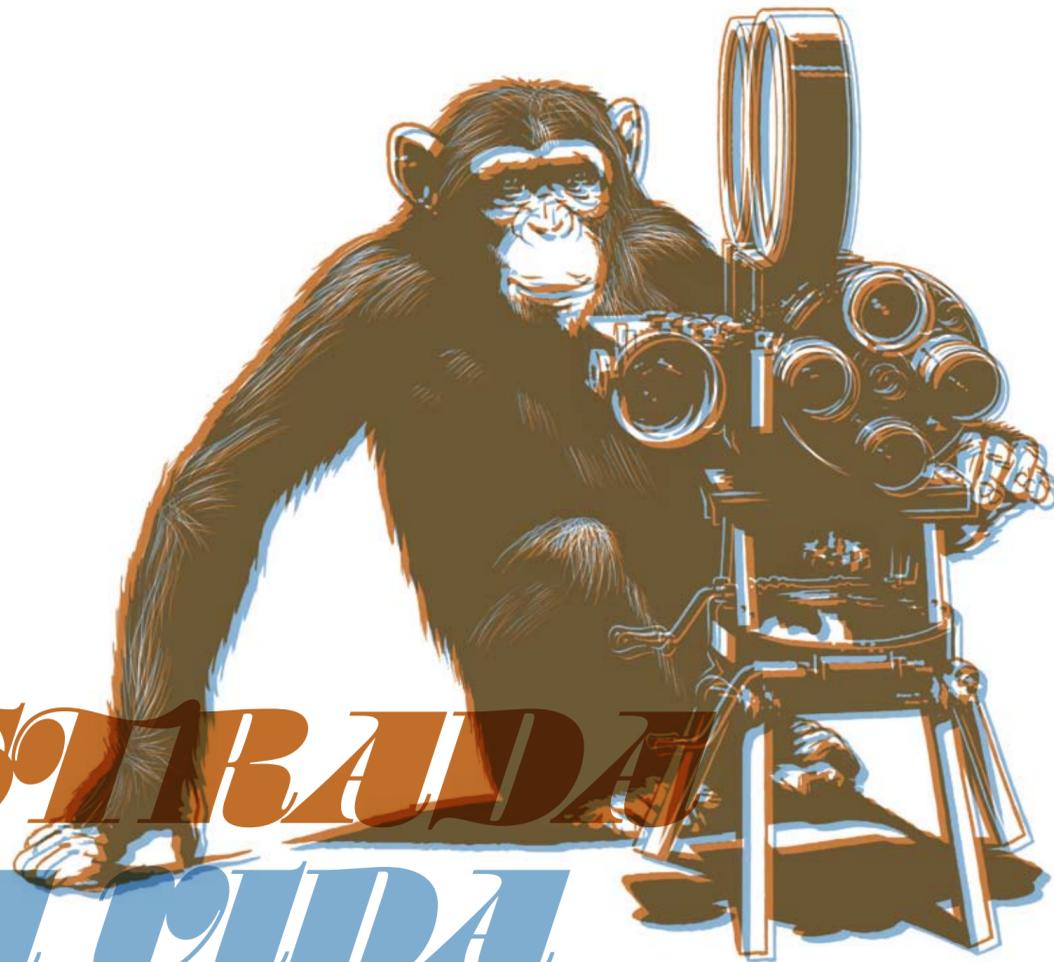
Porém, quando planificado e produzido em massa para distribuição em permanência, visando todo o domicílio e todo o indivíduo, por controlo remoto, o espectáculo não pode deixar de procurar a sujeição da assistência a uma passividade comum e assimétrica, transformando-se em arma de domínio – pão e circo – governada por uma lógica industrial, a da infinda reprodução do mesmo; e trazendo na sua esteira, como detrito, o embotamento generalizado da percepção. O espectáculo tem ainda uma dimensão histórica, a de evento memorável. Mas não se podem já hoje fabricar memórias à medida, devidamente patrocinadas também elas, como num célebre conto de Philip K.

Dick que então parecia fantasia? E não é a memória um bem cada vez mais escasso?

Todas as gerações são seiva e viço em fulgor, que decaiu e faleceu após se exibir como dádiva, como sacrifício – e nisso, como indicou Bataille, há sempre uma pulsão erótica. Todas elas são multidão: prado para cruzamento de afectos, signos e conceitos, combinação imprevisível de múltiplas trajectórias, apetecível pasto para demagogos de todas as tendências. Que ao mesmo tempo contém, claro, possibilidades de resistência.

Cada geração também se caracteriza pelo que partilha – por experiências comuns, afinidades culturais, pelo modo como articula o seu tempo (passado e futuro) – e se transmuta de multidão em povo, ou seja, em forma de vida inteligente. Proceder a essa articulação não requer apenas audácia e ousadia, exige a elaboração de uma linguagem significante e extensiva, de momentos monumentais e memoráveis, de imagens-cristal que lhe sejam próprias. O riso escarmino afasta o temor, mas é fraco apoio perante o espectáculo dos que soçobram no fogo, nas águas, ou na vertigem do metal pesado.

Jorge Pereira Pires, jornalista e tradutor



# ACORDAR

UNIDOS NA LUTA POR UM PROJECTO COMUM, UM SISTEMA DE VALORES, UM SENTIMENTO DE PERTENÇA E O DESEJO DE ALTERAR COMPORTAMENTOS, VÁRIOS MOVIMENTOS TÊM SURGIDO EM PORTUGAL EM DEFESA DE CAUSAS SOCIAIS. DOS PANFLETOS AOS MURAIS, PASSANDO PELAS PETIÇÕES, MANIFESTAÇÕES DE RUA, BLOGUES OU MAIS RECENTEMENTE PELO FACEBOOK, MUITAS SÃO AS FORMAS A QUE RECORREM PARA DIVULGAR AS SUAS ACÇÕES E FAZER PASSAR AS SUAS MENSAGENS. RUI MAIA DOS PRECÁRIOS INFLEXÍVEIS, CRISTINA ANDRADE DO FARTOS DESTES RECIBOS VERDES (FERVE) E CARLA BOLITO DA PLATAFORMA INTERMITENTES DO ESPECTÁCULO E DO AUDIOVISUAL EXPLICAM NESTA ENTREVISTA OS QUE OS MOVE E QUAIS AS CAUSAS POR QUE LUTAM.

## QUAL A VOSSA CAUSA?

**PRECÁRIOS INFLEXÍVEIS:** Os Precários Inflexíveis juntaram-se em 2007, depois do primeiro Mayday em Portugal (1º de Maio dos trabalhadores precários) para lutar contra a precariedade e a exploração laboral. Tínhamos a certeza, como hoje temos, que esta proposta social é uma barbaridade que nada tem de inevitável. Instalou-se na sociedade e nas empresas uma cultura de desrespeito e desigualdade humana que não aceitaremos nunca. Não desistiremos de um modelo de sociedade com melhor e mais igualdade na repartição daquilo que é a riqueza produzida pelas pessoas.

**FERVE:** Surgimos com o intuito de ajudar a dar voz a um cenário laboral até então muito pouco falado: a utilização ilegal dos recibos verdes. Designámos esta realidade como “falsos recibos verdes”, expressão que entretanto foi apropriada pela sociedade, tendo-se generalizado. De um modo mais abrangente, a nossa causa é a luta contra a precariedade no trabalho e na vida.

**INTERMITENTES:** A Plataforma dos Intermitentes formou-se em 2007 com o objectivo de unir as organizações do país que representam trabalhadores das artes do espectáculo e do audiovisual e, desta forma, chamar atenção para a ausência de uma legislação que proteja e defenda os direitos destes trabalhadores, sejam artistas ou técnicos.

A maioria dos trabalhadores intermitentes do espectáculo e do audiovisual encontra-se injusta e ilegalmente a recibos verdes, quando na realidade se encontram em situações idênticas ao trabalho por conta de outrem. O que nos diferencia do trabalhador por conta de outrem comum é a duração dos períodos de trabalho que, no nosso caso, são de curta ou de muito curta duração.

## UM SLOGAN PARA A VOSSA CAUSA?

**PRECÁRIOS INFLEXÍVEIS:** Não temos propriamente slogans. Fazemos a interpretação da situação social e política e colocamos as nossas mensagens ao serviço do maior confronto que podemos criar. Para já, juntámo-nos à manif da Geração à Rasca e à da CGTP e gritámos: “Precários nos queremos, rebeldes nos terão!”

**FERVE:** “Não há liberdade enquanto houver precariedade”.

**INTERMITENTES:** “Trabalho Intermitente = Cultura Permanente” A arte é efémera e por isso a criação de novos espectáculos, novos

filmes, novas músicas, etc., é permanente. É esse o grande motor que une as pessoas, tanto os criadores como os espectadores; a engrenagem que cria estímulos estético-cognitivos permanentes. Em última análise, as artes são o único território onde as pessoas podem escolher e decidirem o que querem pensar. Todo o resto é-nos imposto. Um país que investe e protege as artes é um país que investe e protege o pensamento livre.

Só é pena que a palavra Intermitente ainda seja pouco conhecida no nosso país, caso contrário, o slogan teria um entendimento imediato.

## COMO ENCARAM AS LIMITAÇÕES DO ESPAÇO PÚBLICO ENQUANTO ESPAÇO DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO E QUE SOLUÇÕES PROPÕEM PARA PRESERVAR ESTE DIREITO?

**PRECÁRIOS INFLEXÍVEIS:** Acreditamos que o espaço público é de e para todas as pessoas, em cada esquina, em cada bairro, em cada jardim. Pela igualdade e liberdade não aceitaremos que seja a capacidade económica a ditar quem e como se pode comunicar através do espaço público. Usaremos por isso alguns espaços públicos, os espaços degradados ou outros que nos pareçam fazer sentido, para colocar as nossas mensagens. Vamos realizar uma sessão aberta precisamente sobre espaço público, com activistas, malta do graffiti e alguns políticos com história nesse tipo de intervenção, para pensarmos e desenvolvermos formas de desafiar a desigualdade no acesso ao espaço público.

**FERVE:** Concebemos o espaço público como sendo um palco privilegiado de acção e manifestação de alegrias e, naturalmente também, de descontentamentos. Não temos sentido constrangimentos dignos de nota, sendo certo, contudo, que existem espaços onde a liberdade de expressão se encontra mais cerceada, como o caso do Metro da Trindade, no Porto, onde sistematicamente é proibida a distribuição de panfletos no passeio público! Por outro lado também, sentimos que a degradação e individualização das condições de trabalho têm vindo a afastar a democracia dos locais de trabalho, como sucede, por exemplo, nos call centers.

**INTERMITENTES:** Mais jardins e menos centros comerciais. Quando se vive numa cidade que não é pensada para que as pessoas

a vivam – basta ver a baixa lisboeta ao fim -de-semana (à noite então, é ainda mais desolador) –, deixa de haver essa extensão natural entre o interior da minha casa e a ligação que tem com a rua, o bairro ou a zona. Quando as pessoas vivem o sítio onde habitam, se interessam por problemas transversais a todos, a começar pelos vizinhos. Esta talvez seja uma solução a longo prazo mas que poderia criar outra forma de viver e de intervir na cidade. Outra solução, não menos importante, é a perseverança nas contestações que são o espelho da sociedade em que vivemos, quer sejam contestações a medidas tomadas pelo nosso governo, quer a governos de outros países.

## TÊM DIVULGADO AS VOSSAS CAUSAS ATRAVÉS DOS ESPAÇOS VIRTUAIS DE ACTIVIDADE COMUNITÁRIA; JÁ POSSUEM OU PONDERAM CRIAR UM SUPORTE FÍSICO EM PAPEL?

**PRECÁRIOS INFLEXÍVEIS:** A web é realmente um veículo essencial que continuaremos a utilizar. No nosso blogue temos um trabalho profundo e continuado que serve de apoio ao movimento e a muita gente que o acompanha. Também fazemos pontualmente edições de outras formas de comunicação: jornais, panfletos, cartazes, murais, pins, autocolantes... mas consideramos que o principal é ocupar o espaço público e os locais de trabalho com a visão do trabalhador, precário ou não. É lá que o confronto é maior.

**FERVE:** As acção do FERVE tem-se desenvolvido em diversos contextos e/ou suportes. Temos recorrido à internet como forma de divulgação das nossas actividades, mas não nos restringimos a ela. Em 2009, assinalando os dois anos de existência do FERVE, publicámos, através da editora Afrontamento, o livro *2 Anos a FERVE: retratos da luta, balanço da precariedade*, que contou com a colaboração de Carvalho da Silva (CGTP), José Castro Caldas (economista), Elísio Estanque (sociólogo) e São José Almeida (jornalista do *Público*), entre outros/as.

**INTERMITENTES:** A Plataforma dos Intermitentes já criou, e vendeu, duas brochuras. Creio que para se ficar a perceber um pouco sobre leis do trabalho, é melhor recorrer ao papel em vez de enviar links.

## QUAIS AS VOSSAS PRINCIPAIS FÓRMAS DE LUTA?

**PRECÁRIOS INFLEXÍVEIS:** Para desenvolver

as organizações de trabalhadores precários e ampliar a ligação com todas as organizações de trabalhadores temos de estar cada vez mais na rua, nas concentrações, nos protestos, nas manifés e também na web. Estamos sempre com os trabalhadores precários, sejam eles os despedidos das Páginas Amarelas, os profs das AECs, as Amas da Segurança Social, os arquitectos, os operadores de call-centers, os trabalhadores dos shoppings, os trabalhadores imigrantes, os trabalhadores informais... sempre contra a discriminação no trabalho e na vida, envolvendo-nos em lutas concretas.

**FERVE:** Todas as acções que promovemos ou denúncias que efectuamos são divulgadas no nosso blogue e Facebook e também por correio electrónico para a nossa lista de contactos. Refira-se que, além de denúncia referentes a ilegalidades contratuais no sector público e privado, temos colaborado na organização de manifestações e também promovido diversos debates.

**INTERMITENTES:** Debates, redes sociais e festas. Uma festa “anima” sempre as consciências (mas já não fazemos festas há algum tempo... não está tempo para festas!).

## CONSIDERAM A PRECARIEDADE UM PROBLEMA GERACIONAL?

**PRECÁRIOS INFLEXÍVEIS:** Claramente que não. Hoje, quase todos conhecemos um(a) trabalhador(a) com mais de 30 ou 35 anos, com ou sem filhos, que é desempregado(a) ou precário(a). A condição de precariedade é uma proposta global e por isso todos trabalhadores devem estar juntos e solidários contra quem explora e precariza a vida de outros para obter vantagens e privilégios. Eles é que vivem acima das nossas possibilidades.

**FERVE:** A precariedade é, antes de mais, um problema social que afasta milhares de pessoas do contrato social. Neste momento, em Portugal há mais de dois milhões de trabalhadores/as em situação precária (entre falsos recibos verdes, contratos a prazo ou empresas de trabalho temporário) e mais de 600 mil pessoas encontram-se sem trabalho. Num cenário como este, a precariedade atinge-nos a todos!

**INTERMITENTES:** A minha profissão sempre esteve associada aos recibos verdes, já sou uma “veterana” da precariedade. São já várias gerações neste caldeirão da precariedade, só com a diferença de que há uns anos atrás a água estava a aquecer gradualmente e agora está a ferver. Mais do que um problema geracional, este é um problema consequente de decisões e de medidas tomadas pelos nossos governantes nos últimos 30 anos.

## OPINIÃO

# QUANTO É BASTANTE

Estava capaz de dizer que sempre que ouço falar em liberdade de expressão tenho vontade de sacar da pistola, mas não o faço por duas razões: em primeiro lugar porque não costumo andar armado e se andasse seria com certeza alvejado por mim próprio, questões de destreza e motricidade que não importa agora explicar, e, em segundo lugar, porque estaria a servir-me de uma citação do doutor Goebbels, convenhamos, não é bom cartão de visita andar a citar nazis por dá cá aquela palha, por dá cá aquela expressão, como tal esqueçamos o revólver e as personagens sinistras de importação já que cá no burgo temo-las de sobra. Afinal, estamos na terra do doutor António Oliveira Salazar – um nunca foi suficiente, precisávamos de um em cada esquina, de preferência a rodar a bolsinha – e por isso é escusado trazer à colação outros urubus armados ao autoritário, mesmo que sem fuzil à ilharga. A mesma terra que andou muda e queda durante quase cinquenta anos, e escolho o “muda e queda” porque não me sinto à vontade para usar “amordaçada”, pois normalmente associo mordança a alguém que estrebucha, que se debate, e por cá, salvo honrosas excepções, nada disso se passou, andou-se com a canga do destino às costas e o bico calado e os olhos na ponta dos pés a fazer de horizonte durante demasiado tempo, sempre lidámos mal com a pluralidade, com a opinião ou simplesmente com a possibilidade de.

Mesmo nos tempos que correm, e com o Estado Novo formalmente enfiado no caixote do lixo da história há um ror de anos, a liberdade de expressão anda titubeante, porque o deus pátria e família não se enterram em duas penadas, porque ter a liberdade não significa automaticamente facilidade de expressão, às vezes esta anda reduzida ao mínimo como sucedeu há pouco na manifestação do precariado contra o anátema das vidas descartáveis: gritou-se muito “já chega, já chega” e cada um escolhe do que é que está farto, das vidas a recibo, das expectativas goradas, dos novos porta-vozes do povo, heróis acidentais do Festival da Canção, é vago mas legítimo e o que importa é que duzentas mil pessoas foram dizer de sua justiça unidas por mínimos denominadores comuns, quer dizer, as autoridades contaram apenas doze pessoas e um caniche mas é próprio do viver em liberdade conviver com os disparates do poder agora desinstituído. E é aí, no espaço público, que se exerce com mais propriedade a tal liberdade, na *polis*, como lhe chamaram os gregos, antes especialistas em definir o cânone da civilização ocidental, hoje mais preocupados em dar um pontapé no FMI antes que o FMI lhes faça aquilo que Aquiles fazia a Pátroclo no calor das tendas de campanha plantadas em frente a Tróia. E nada disto tem a ver com as demolições da Torralta ou com a península de Setúbal.

O espaço público, então, forradinho de paredes disponíveis para receberem as melhores mensagens, os melhores *statements*, como se diz na América, terra do *freedom of speech* e dos pedidos de desculpas quando se destaca um mamilo em frente das câmaras de televisão, território das emendas à constituição que garantem isto e aquilo, que garantem a maior indústria pornográfica do planeta mas que lidam mal com nódoas no vestido das melhores, das mais empenhadas estagiárias à mão de semear (verbo utilizado de forma intencional). As paredes. Eu cá gosto, e tenho memorizado algumas deixas que hordas de anónimos insistem deixar à vista de todos, sem pudores e com mais ou menos nexos, umas a necessitarem do apoio da semiologia ou de outra ciência que estiver disponível com vista a uma plena descodificação, outras mais prosaicas, ou demasiado crípticas, ou filhas da acção directa e da persistência, como terá sucedido com o indivíduo que resolveu pichar “MERDA” entre a zona das Portas de Benfica, hoje irreconhecível a cavalo no POLIS, na CRIL ou em qualquer outro acrónimo que também ninguém sabe o que significa ou sequer quando acaba, a nossa relação com o tempo nem sequer é melhor do que a nossa relação com a liberdade, com a expressão, mas voltando à vaca fria, às paredes quentes, referia-me ao indivíduo que plantou “MERDA” entre a zona já citada e Sete Rios, uns bons pares de quilómetros para dizer aquilo que lhe vai, que lhe cheira na alma. Se me pedissem para atribuir uma classificação daria 2 na nota artística, 10 no capítulo teimosia, que andar de spray em punho contra as distâncias e significados é dose e das mais cavalares. Se bem que eu prefiro outros registos,



entre o absurdo e o enigmático, como por exemplo “O AR CONDICIONADO MATA AS PESSOAS”, espalhado por inúmeros muros e fachadas desta cidade, ou o ainda mais desconcertante “ESPÍRITOS MATAVAM + - 200 PESSOAS POR NOITE”, repare-se, há uma certa obsessão com a ideia de morte, de finitude trazida por agentes exteriores, sejam eles de cariz tecnológico ou do domínio do etéreo, do inefável, como se diz nas folhas de sala da Cinemateca Portuguesa. Tendencialmente as paredes deixaram de reflectir a utopia política para embarcar num registo mais incompreensível, isto partindo do princípio que o discurso dos agentes dessa mesma política é mais inteligível, mas por onde anda o clássico “OS RICOS QUE PAGUEM A CRISE”? Calhando, não vale a pena lançar apelos que os ricos já nem sequer lêem, acantonados que estão nas quintas Patinho desta vida ou nos condomínios fechados que dizem da *polis* o que Maomé não disse do toucinho ou dos chouros de Arganil. Chouriços esses que vai não volta enxameiam as feiras de enchidos dos supermercados do costume, dos sítios do costume, veja-se o caso do Pingo Doce que, seguindo as pisadas de compositores conceptuais contemporâneos como Emanuel ou Fernando Correia Marques, criou um jingle, uma ladainha publicitária que se tornou infecciosa e que se instalou nas meninges da população portuguesa, em particular das crianças, que garantem nos pátios das escolas uma ida às compras de Janeiro a Janeiro onde é tudo mais fresquinho. Sim, a publicidade também vai tomando conta da nossa expressão, mais ou menos em liberdade, com mais ou menos cartões de descontento, diz que o Oliveira da Serra está a um preço que não se acredita até ao final do mês, ou seja, até à aterragem do Fundo na Portela.

De volta aos muros do nosso contentamento. Tenho alguma simpatia pelos seguidores do fidalgo Kropckine, do Bakunin, do Proudhon, do Paulo Futre, entre outros anarquistas encartados, que dizem de sua justiça de forma episódica, do canónico “ABAIXO OS ORGANISMOS DE CÚPULA, VIVAM OS ORGARMOS DE CÓPULA” aos mais circunstanciais, porque colados a momentos eleitorais “VOTA EM MIM QUE EU VOTO EM TI” ou “DIA 11 NÃO VÁS AO CIRCO”. E também tenho estima por atoardas mais direccionadas como o quase imbatível “AMERICANOS EM PORTUGAL SÓ DEBAIXO DAS LAJES”, se bem que, na minha opinião, este tipo de discurso está ameaçado, agora até os graffiti são enquadrados em espaços próprios e liofilizados cedidos pelos municípios, o que não quer dizer que tenhamos perdido a vontade de falar para uma audiência que se quer vasta. Multiplicam-se os blogues, os perfis em redes sociais, com a vantagem de estes escorrerem pouca tinta pelas mangas adentro, toda a gente tem algo para dizer a toda a gente, seja sobre as conquistas de Abril que nos andam a ser retiradas, como descobri há dias numa parede de São Domingos de Benfica, seja sobre o último single da Lady Gaga, artista que me tem feito pensar demasiado nas desvantagens da liberdade. Mais. Não é só na internet que o discurso público e para o público ganha músculo: na semana passada fui aliviar-me a uns sanitários dos armazéns do Chiado, o que denota alguma preocupação no capítulo prestígio, e deparci-me com um urinol assinado, a saber Filipe-qualquer-coisa, arquitecto. A expressão espalhou-se por todo o lado, é preciso falar, e pôr os nomes aos bois e aos urinóis, e se possível dar nota dos títulos académicos que segundo parece já nem são garantia de nada. Até já fazem algum mal às pessoas. É como o ar condicionado.



RÁDIO MACAU | CACIQUE 97 | OS GOLPES | RUI PREGAL DA CUNHA | ALDINA DUARTE | SOCIAL SMOKERS | MANUEL FREIRE | DEALEMA | VELHA GAITEIRA | ZECA MEDEIROS

## QUAL É A LIBERDADE DE EXPRESSÃO MÁXIMA PARA UM MÚSICO?

**MILTON GULLI (CACIQUE 97):** Creio que não há limites para a liberdade de expressão de um músico. A música é uma forma de arte e a arte não deve ter limites nesse aspecto, pois seria uma castração da expressão artística. O público é que decide o que consome ou não.

**MANUEL FÚRIA (OS GOLPES):** Dizer aquilo que tem a dizer sem quaisquer constrangimentos. Quer eles partam de esferas exteriores a si, quer partam de si mesmos.

**XANA (RÁDIO MACAU):** Criar Música.

**RUI PREGAL DA CUNHA:** O reconhecimento da sua obra, visto que a mais alta liberdade de expressão só pede para vedar o anonimato.

**RICARDO SANTOS (VELHA GAITEIRA):** A maior liberdade de expressão começa na reflexão interior que depois se materializa na acção, no processo criativo, sem preconceitos ou autocensura. Esta liberdade de expressão é continuada performativamente, na rua e no palco, junto das pessoas que apreciam o que fazemos. O prazer que temos em tocar (e que demonstramos quando o fazemos) é a prova de que a liberdade é por nós sentida, afirmada e defendida. Através da música, a liberdade de expressão passa da acção individual para uma acção colectiva de afirmação da sua importância e necessidade vital.

**ALDINA DUARTE:** Que seja total e o público que decida.

**ALEX CORTEZ (SOCIAL SMOKERS):** É a que não está condicionada por nenhum tipo de censura.

**JORGE VAZ NANDE (SOCIAL SMOKERS):** Para qualquer artista, qualquer disciplina, cada vez mais acredito que só há uma resposta possível: o respeito pelo público, com a consciência que este

frequentemente exige que o desrespeitemos por completo.

**BIRU (SOCIAL SMOKERS):** Fazer música porque sim. Fazer música pela música. Quando serve de coroa no coração a si mesmo e/ou à comunidade. Acho que depende do músico. Isto da música para mim é uma autodescoberta, aprendo e cresço muito com ela. E acaba por ser a expressão do meu “ser”. Por isso quanto mais próximo de mim mais sinto essa liberdade.

**FUSE (DEALEMA):** Criar sem censura, chorar sem ódio e rir sem hipocrisia.

**MANUEL FREIRE:** O seu bom senso.

**AINDA QUE A CENSURA TENHA SIDO OFICIALMENTE ABOLIDA APÓS O 25 DE ABRIL, SERÁ QUE**

**RUI PREGAL DA CUNHA:** Existem sim e a pior de todas é auto imposta.

**RICARDO SANTOS :** Antes do 25 de Abril a censura era mais facilmente identificável pois estava associada a um regime político que agia activa e coercivamente sobre vários domínios da vida social e cultural. Era uma censura presente. Neste momento, a censura diversificou-se nos seus modos de existir. A sua forma mais perigosa é a autocensura, assimilada (muitas vezes inconscientemente) devido a pressões psicológicas exteriores. Outro tipo de censura, mais silenciosa, é aquela que recai sobre grande parte dos músicos portugueses. É uma censura que os exclui das rádios, das televisões, dos grandes meios de divulgação. A música portuguesa continua a não ser encarada de frente, continua a ser desvalorizada perante a música “comercial” anglo-saxónica. É esta censura que dificulta, entre outros aspectos, a divulgação no estrangeiro de projectos portugueses.

**ALDINA DUARTE:** Todas as que são próprias de uma democracia totalitária. Não esquecendo os nossos preconceitos, que, às vezes, são ainda mais difíceis de combater e mais subtils.

**ALEX CORTEZ:** A sociedade neo-liberal em que vivemos encontrou muitas e diferentes formas de condicionar a liberdade de expressão dos indivíduos. Todas as novas formas de censura têm a particularidade de se dissimularem no quotidiano. Na realidade, a liberdade de expressão nunca é total, isso talvez seja uma utopia.

**JORGE VAZ NANDE:** A mais resiliente, persistente e abrangente forma de censura na sociedade portuguesa continua a ser a mesma: o medo. Talvez já não da PIDE, mas do patrão, da família, da vizinha e do resto. Isso só se pode resolver com muitos respeitosos desrespeitos.

**BIRU:** A forma mais evidente e talvez mais contemporânea é a autocensura. Mas não é nova. Pouco há de novo sob este nosso céu. E isto, talvez seja, devido a este tipo de censura... digo eu que sou palhaço!

**FUSE:** Sim existem, cada uma com a sua dimensão. O pior é que, apesar da censura ter sido oficialmente abolida após a revolução de 74, “ela” mudou de roupa e arranjou uma amante nova – a corrupção. A forma como o povo ainda hoje é subestimado é assustadora...

**MANUEL FREIRE:** A económica, a do favorzinho, a político-partidária, a “de nunca mais apareceres”, a..., a... todas velhas, mas agora mais em uso.

## EXISTEM NOVAS FORMAS DE CENSURA?

**MILTON GULLI:** Claro que sim. Há censura nas rádios, nas televisões e nos media em geral. Há casos de vários artistas que não vão mais longe por terem um discurso politicamente incorrecto. Hoje em dia premeia-se a banalização e isso é patente no produto artístico que nos é disponibilizado pelos media. Discursos de intervenção ou contestação são vistos como algo proveniente da esquerda e até como algo ultrapassado. Vivemos numa altura em que é preciso contestar, é preciso reivindicar. Os problemas do mundo são cada vez mais complexos e temos que continuar a falar deles com pertinência e inteligência.

**MANUEL FÚRIA:** A grande forma de censura dos nossos dias é o politicamente correcto, a pressão de agradar, de não ferir susceptibilidades.

**XANA:** Sim. Algumas referentes ao mercado.

expressão (ex. Zombie, International Thief Thief, Shuffling and Smiling, Beasts of No Nation) pelo discurso incisivo e mordaz, pela coragem de não usar metáforas e identificar claramente os destinatários da sua crítica.

**MANUEL FÚRIA:** O Roger Waters, sobretudo no contexto do The Wall. A letra de “Another Brick In The Wall” é intemporal na sua inconveniência e quaisquer que sejam os tempos, os chefes, os mecanismos políticos, sociais e culturais estas palavras nunca perdem o seu carácter provocador.

**XANA:** Toda a obra de Zeca Afonso. Pela sua vida e atitude nas circunstâncias históricas em que foi músico. Com a particularidade da imensa elegância e beleza de que se revestem as suas canções. Nem sempre é assim, na música de intervenção.

**RUI PREGAL DA CUNHA:** Liberdade de expressão faz-me lembrar o “God Save The Queen” ou “Say It Loud, I’m Black and I’m Proud”, mas é porque quando sentimos umas mãos à volta da garganta que mais nos apetece gritar alto. Fico-me com a “Canção tão Simples” do Adriano Correia de Oliveira:

Quem poderá domar os cavalos do vento  
Quem poderá domar este tropel  
Do pensamento à flor da pele?

Quem poderá calar a voz do sino triste  
Que diz por dentro do que não se diz  
A fúria em riste do meu país?

Quem poderá proibir estas letras de chuva  
Que gota a gota escrevem nas vidraças  
Pátria viúva a dor que passas?  
Pátria viúva a dor que passas?

Quem poderá prender os dedos farpas  
Que dentro da canção fazem das brisas  
As armas harpas que são precisas?  
As armas harpas que são precisas?

**RICARDO SANTOS:** Escolher apenas uma letra e um músico seria uma enorme injustiça para com todos aqueles que lutaram pela liberdade de expressão um pouco por todo o mundo. Sendo impossível nomeá-los a todos, podemos referir alguns que no nosso país muito fizeram para que a liberdade de expressão fosse um direito e uma garantia das gerações: Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, José Mário Branco, Fausto, Sérgio Godinho etc... Não nos podemos esquecer de muitos poetas cujos textos foram musicados por estes (e por outros) e que, por isso, fazem parte (e são símbolo) da luta pela liberdade de expressão. Entre muitos outros, destacamos José Carlos Ary dos Santos, António Gedeão, Alexandre O’Neill, Armando Rodrigues e, naturalmente, o povo português através das suas canções tradicionais.

**ALDINA DUARTE:** José Mário Branco: todas as músicas e letras.

**ALEX CORTEZ:** Escolheria “Venham Mais Cinco” do Zeca Afonso. Ouvi-a pela primeira vez ai pelos meus 12 anos, ainda antes do 25 de Abril e lembro-me de ter sentido uma enorme emoção por estar a ouvir algo proibido. Foi mais ou menos por esta altura que percebi que existia censura e que Portugal era um país que vivia sob uma ditadura. Neste caso escolho-a por simbolizar a ausência da liberdade de expressão...

**JORGE VAZ NANDE:** “FMI”, de José Mário Branco, onde a coragem de ser cidadão se juntou à coragem de ser homem; e Bob Dylan, que, para ser ele mesmo, teve de enfrentar o seu próprio público.

**BIRU:** “Gugu Dada” do Baby Face, porque à medida que se aprende a andar muitos perdem as asas. E já pouco nos lembramos que outrora respiramos debaixo de água.

**FUSE:** Zeca Afonso, “Os Bravos”. É quase impossível não associar à liberdade de expressão um dos músicos que mais lutou contra a tirania, foi um compositor activista que inspirou gerações.

**MANUEL FREIRE:** “A Morte Saiu à Rua” e o Zeca Afonso. A primeira, porque era a maneira, sob a forma de cantiga, de dar a conhecer um assassínio e de alguém que lutava pela “Liberdade de Expressão”, até por ser artista. E o segundo, porque é para mim sempre o primeiro quando se fala da luta pela “liberdade de expressão”.

## SERÁ QUE A CANÇÃO AINDA PODE SER UMA ARMA?

**MILTON GULLI:** A canção ainda é uma arma. Basta prestarmos atenção a alguns músicos africanos que foram ostracizados nos seus países de origem. Canções de revolta apelam sempre a um povo oprimido e/ou explorado e são ouvidas, ainda hoje, às escondidas. Como dizia o Fela Kuti: “Music Is The Weapon Of The Future”. É claro que uma canção por si só não muda o mundo, mas ajuda a mudar mentalidades e a ter espírito crítico. A música tem um grande impacto emocional nas pessoas.

**MANUEL FÚRIA:** A canção é uma arma. Uma arma para dançar, uma arma para amar ou, em alguns casos, uma arma para abater.

**XANA:** Sim. Mas com o devido cuidado para não se transformar num tiro no escuro ou mesmo num tiro no pé.

**RUI PREGAL DA CUNHA:** Mais do que nunca porque a voz de cada um é a sua munição.

**RICARDO SANTOS:** A canção foi e será sempre uma arma. Quando usada convenientemente é um poderoso veículo de transmissão de ideias e de incitamento à reflexão e à acção. Quanto mais próxima estiver dos desejos e anseios das pessoas, mais próxima estará de uma identificação e do cumprir da sua função enquanto arma. Se outrora as pessoas que trabalhavam no campo usavam a canção para aliviar as dores do corpo e para incitar o trabalho, hoje em dia a canção é usada para chamar a atenção para certas características da realidade num convite a uma participação activa na mudança.

**ALDINA DUARTE:** Pode, tudo depende de como é recebida.

**ALEX CORTEZ:** A canção é e será sempre uma arma. Todas as revoluções têm as suas canções e a cada revolução estará sempre associada uma canção. A capacidade que uma letra e uma melodia têm de emocionar, de significar um ideal comum e de unir vozes que de outra forma estariam dispersas, fazem da canção uma arma muito poderosa, capaz de incomodar, intimidar e até contribuir para derrubar regimes.

**JORGE VAZ NANDE:** Goste-se ou não (e eu gosto), “Que Parva Que Eu Sou” provou que sim.

**BIRU:** Em mãos certas quase tudo serve como arma. A questão é o que se tem na mira.

**FUSE:** Sim, claro, desperta sentimentos, move multidões... A música é uma das “armas” utilizadas nas campanhas eleitorais e atinge o expoente mais obscuro quando utilizada como arma de marketing. Uma canção com mensagem é poderosíssima.

**MANUEL FREIRE:** A canção é uma arma cujo calibre depende da circunstância e de quem a usa....

## A MÚSICA REFLECTE OU CONSTRÓI A

## REALIDADE?

**MILTON GULLI:** Acho que a música mais do que reflectir é um espelho dessa realidade. Às vezes assume um papel quase jornalístico e noutras reflecte o estado do mundo. Mas houve casos em que construiu a realidade. O estatuto de alguns músicos como Bob Marley ou Bono permitiu-lhes influenciar positivamente situações reais e provocar efeitos reais em pessoas, instituições e até mesmo países inteiros.

**MANUEL FÚRIA:** A música pode ter os dois papéis. No nosso caso podemos dizer que nos interessa um processo que deve mais à construção de uma realidade do que propriamente compormos canções que sejam espelho de um dia-a-dia ou outra coisa parecida.

**XANA:** Depende. As realidades políticas e sociais são construções humanas. Mas para além destas há a Realidade. Sou da opinião que esta já está aí antes de tudo e qualquer tipo de construção intelectual. Aqui, é melhor ouvir do que construir. Dependendo da “música” que se sente, ela reflecte umas vezes, outras vezes constrói.

**RUI PREGAL DA CUNHA:** Só a música, *per se*, não tem rapidez de expressão para fazer mais do que reflectir uma realidade. Mas quantas vezes certas canções já com umas quantas décadas nos fazem reflectir sobre o *modus* desses outros tempos, obrigando a uma releitura do *zeitgeist* posterior e nos leva a perceber em como essa mesma canção acaba por fim por moldar costumes e construir novas realidades antes só imaginadas.

**RICARDO SANTOS:** Na sua forma primordial, a música é sempre um reflexo da realidade, tanto de quem a faz como de quem a escuta e sente. A música nasce sempre num contexto específico, socialmente determinado, pelo que transporta consigo parte das características desse mesmo contexto. No entanto, quando é divulgada e assimilada sob várias percepções, a música passa desse estado de reflexo da realidade para um estado construtor da realidade dos ouvintes. A música deixa de pertencer só a quem a faz e passa também a pertencer a quem a ouve e a quem a utiliza para interpretar a realidade de um modo diferente. Se a música altera as pessoas, altera necessariamente a realidade, construindo-a estrutural e dinamicamente.

**ALDINA DUARTE:** A música que habitualmente mais gosto desconstrói a realidade. Sendo que a realidade é um espelho para qualquer artista, quer queiramos quer não. Contudo, este espelho é multifacetado, mostra muitas faces da vida: a paixão, o sonho, a morte e o amor são talvez os grandes temas...?

**ALEX CORTEZ:** A música desconstrói a realidade. A música reflecte os sonhos...

**JORGE VAZ NANDE:** A música é realidade também. A realidade reflecte o constrói a realidade?

**BIRU:** Ao reflectir participa na construção ou desconstrução (de decomposição e não de destruição) dessa realidade, porque a fundamenta. É um dos poderes desta arma.

**FUSE:** A música pode reflectir a realidade mas tem o poder de mudar, por isso também constrói. Hitler semeou o genocídio ao som de Wagner e Tchaikovsky. A música é universal, é histórica, é uma arma intemporal. Seria muito difícil imaginar uma realidade sem música.

**MANUEL FREIRE:** Só reflecte. Mas pode reflectir uma realidade que ainda não chegou.

# EU-LOS-OUVE-PAIREM

“NA PRISÃO DE TIRADENTES, DEPOIS DA GREVE DA FOME, EM MAIS DE CINCO MASMORRAS NÃO HÁ TORTURA QUE O DOME”, CANTAVA ZECA AFONSO EM 1976. “ALÍPIO DE FREITAS” – ASSIM SE CHAMAVA A CANTIGA E O HOMEM DE QUE FALAVA – FOI PADRE PROGRESSISTA, AGITADOR SOCIAL E UM DOS MAIORES DEFENSORES DOS DIREITOS DOS CAMPONESES NO BRASIL. CAIU NAS GARRAS DA DITADURA MILITAR, FOI PRESO E TORTURADO DURANTE DEZ ANOS, MAS SOBREVIVEU PARA CONTAR, NA PRIMEIRA PESSOA, AS HISTÓRIAS DE UMA VIDA DE LUTA.

“Com o Padre Freitas as coisas não têm de ser, são”, dizia-se à época do português que preferiu construir escolas e centros de saúde nas zonas mais pobres do nordeste brasileiro, em vez de celebrar missas. Mas a veia de revolucionário e os ideais fortes a que nunca renunciou já se faziam sentir bem antes, ainda em Três-Os-Montes. Mal tinha acabado de se ordenar padre e já Alípio de Freitas desafiava as intocáveis leis da Igreja Católica: recusou ir para Roma, declinou convites para dar aulas no seminário, exigiu permanecer numa paróquia pobre da Serra de Montesinho onde se sentia útil. “Criou-se uma situação insustentável, tinha-se quebrado a hierarquia”, conta. “O Bispo tinha a sua autoridade, que eu desrespeitava sempre, então a certa altura ele disse-me para tratar de encontrar outro bispo. E é assim que eu vou para o Brasil”.

Corria o ano de 1956 quando Alípio de Freitas viu neste episódio a oportunidade de cumprir uma vontade antiga, a mesma que o tinha levado ao seminário. “Eu resolvi ser padre porque tinha na cabeça outras coisas. Queria viajar pelo mundo, ser missionário... Tinha lido muito, sobretudo sobre os padres jesuítas que foram para a China, para a Índia ou para o Brasil, então esse era o meu imaginário de padre”.

A tradição de emigrar para o Brasil era já ancestral na família do português – desde o século XVII que antepassados seus se fixam no país – e o facto de lá ter um irmão a viver só ajudou à decisão. O arcebispo de São Luís do Maranhão aceitou de bom grado a proposta e recebeu-o de braços abertos.

“São Luís era uma cidade colonial muito interessante que na parte mais urbana se parecia muito com Lisboa. Mas ao mesmo tempo a cidade era cercada por grandes bairros muito, muito pobres. À volta da ilha era tudo mangue, aquela área de lodaçal onde se costumam apanhar caranguejos, e as pessoas viviam aí em casas de pau-a-pique, construções de barro cobertas de palha de palmeira”, recorda.

A realidade brasileira, que só conhecia das leituras que tinha feito e do relato dos familiares emigrados, impressionou-o. Assim, ao mesmo tempo que trabalhava como capelão e que dava aulas de História Antiga e de História Medieval na Universidade do Maranhão, Alípio de Freitas começou a frequentar as zonas mais carenciadas dos subúrbios de São Luís com um bispo auxiliar que estava muito ligado aos movimentos populares. “Comecei a trabalhar com a Juventude Católica Operária e com o pessoal dos bairros populares. Os brasileiros onde chegam fazem sempre uma organização. Às vezes nem é para nada, é só para fazerem uma festa ou uma feijoada. Eles juntavam as suas pobreza para poderem tomar mais uma cerveja e fazer um bailareico; a alegria do fim-de-semana dava para aguentar o tranco de uma semana de trabalho”. E foi nestas associações bairristas, que nem sempre tinham outro propósito para além do convívio, que o padre português começou a incentivar os trabalhadores a reivindicar os seus direitos. Por aqueles dias, discutia-se a falta de escolas, estradas e postos de saúde, criticavam-se os deputados que se ficavam pelas promessas em época eleitoral e que nunca mais apareciam nos bairros pobres. Para Alípio de Freitas, se “Maomé não vai à montanha, vai a montanha a Maomé” e assim insistia para que os camponeses fossem eles próprios às assembleias municipais pedir a palavra e exigir atenção. “A certa altura começou a haver um movimento, as pessoas começaram a organizar-se. Isto começou a tornar-se usual e a criar alguns problemas”, confessa.

As críticas não tardaram a chover. A Igreja não via com bons olhos a intromissão de um padre nas questões da terra, muito menos o apoio directo aos camponeses, que já davam sinais de estar a preparar um movimento mais sólido e organizado. As opiniões contrárias, porém, não chegaram para intimidar ou refrear Alípio de Freitas, que cada vez mais se envolvia a fundo nas movimentações populares, o que incluía a presença habitual nas reuniões sindicais de professores e tipógrafos. “Eu meto-me nessas histórias logo, logo. Chego em Fevereiro e se calhar em Maio já estava metido nessas andanças. E assim fui conhecendo as coisas. Fui estudando a organização laboral e trabalhista e uma coisa foi empurrando a outra”.

Enquanto a acção revolucionária de Alípio Freitas se confinou à cidade de São Luís, o arcebispo não levantou muitos problemas. Mas a influência do português – “aquele padre comunista!”, como muitos o chamavam – estava bem longe de ter fronteiras ou amarras, fossem elas quais fossem.

“Um dia, o dirigente camponês mais importante, o Augusto, – um grande amigo meu, um grande mestre que tive – convidou-me para o ajudar no campo e eu disse que sim. Isto aconteceu a partir de uma história muito simples. Recordo-me bem, foi no dia 7 de Setembro de 1958, o dia da independência do Brasil que se comemora em todo o país com sessões onde estão as pessoas mais importantes dos lugares. Numa dessas sessões, no final dos discursos sobre o valor da pátria, perguntaram se alguém queria falar. E aí levantou-se um camponês baixinho e magrinho e disse: ‘Eu quero falar!’”, recorda Alípio. O camponês era Augusto José do Nascimento que subiu à tribuna e “desancou” toda a ideia de pátria, ao alertar para as

desigualdades sociais que afectavam os pobres que, como ele, não se sentiam parte daquele conceito tão vazio que ali se celebrava. “Na sala estavam mais de 500 pessoas, mas o silêncio era tão grande que se caísse um alfinete no chão pareceria um estrondo, um tiro de canhão. Eu só pensava que ele ia ser imediatamente preso ao sair dali. Mas contra a minha previsão – que eu levava do tempo em que vivi o fascismo em Portugal –, o Augusto foi aplaudido de pé!”, conta, sem esconder um certo orgulho no amigo e camarada de luta.

Os três dias que se seguiram, Alípio e Augusto passaram-nos no mangue, na casa do camponês, a discutir ideias e a delinear estratégias. Quase sem se dar conta, o padre acabava de entrar a sério naquele movimento. “Meter-me nessa luta pela terra começa a criar-me problemas com o arcebispo. Para piorar a situação, a certa altura eu exijo ter uma paróquia nos subúrbios. E lá fui eu”. Assim que chegou, o padre começou a dinamizar as associações dos bairros que lhe pertenciam: construiu escolas, um centro de saúde, tentava resolver os problemas das pessoas. Numa primeira fase, nem celebrava missa – não lhe parecia que os seus paroquianos precisassem disso –, mas com o adensar das críticas por parte do arcebispo, decidiu fazer-lhe a vontade. À sua maneira, claro. Como a igreja era muito pequena, o Padre Alípio dividiu a paróquia por ruas e decretou que cada uma delas tinha obrigação de missão num dos seis dias da semana – de segunda a sábado, o domingo estava reservado para uma missa extraordinária – e começou a fazer as celebrações em português, quando o latim era ainda a língua padrão, para além de permitir a comunhão sem confissão. Para o arcebispo tinha sido a gota de água num copo que transbordava incumprimento e rebeldia.

A partir deste ponto, os laços que ainda ligavam Alípio de Freitas à Igreja foram-se deteriorando de dia para dia. A participação do português num comício pelas reformas de base gera uma reacção muito azeda no jornal da arquidiocese e a viagem que faz a Moscovo, à revelia do arcebispo, para assistir a um congresso mundial da paz organizado por partidos comunistas, não ajuda. “Em 1962 desligo-me oficialmente da Igreja. Eu não podia estar numa Igreja que não estava do lado do povo, que estava contra tudo o que era progresso”, explica. Fixou-se então em Pernambuco e continuou a sua acção, agora já nas Ligas Camponesas. Fundou centenas de escolas seguindo o lema “de pé no chão também se aprende a ler” e participou activamente na campanha por Miguel Arraes para Governador do Estado. É por esta altura, em plena campanha, que Alípio é sequestrado pela primeira vez.

Os anos que se seguiram foram verdadeiros capítulos de terror na vida de Alípio de Freitas: a instauração da ditadura militar obrigou-o ao exílio e quando regressa ao Brasil para ajudar a organizar a luta armada contra o regime, acaba preso e sujeito a tortura por dez longos anos. “Não nos tínhamos conseguido organizar e demos todo o tempo do mundo à ditadura. Havia vários grupos ditos revolucionários, todos queríamos a luta armada, mas o que é certo é que não conseguimos superar as nossas diferenças. Permitimos que a repressão fosse colhendo aqui e ali, que fosse matando, prendendo, sequestrando, obrigando a sair... A certa altura a repressão ficou sem combatentes internos”.

Numa altura em que a Europa pensava que a tortura já tinha sido abolida no Brasil, Alípio de Freitas era o exemplo vivo do contrário. O português já levava cinco anos de prisão quando decidiu escrever uma carta a contar a sua história, carta essa que chegou a Portugal, às mãos de Zeca Afonso. O cantautor escreve “Alípio de Freitas”, incluída no álbum *Com as Minhas Tamanquinhas* (1976) e cantada depois por outros músicos de intervenção em vários pontos do planeta, e é assim que o mundo fica a saber que o Brasil continuava a fazer presos políticos.

“Dez anos depois, saio da prisão apátrida – tinha perdido a nacionalidade brasileira e portuguesa – e muito marcado pela minha actuação política. Estava também muito em divergência com a maior parte dos outros presos e exilados”, conta. Apesar da amnistia, a ditadura continuava no Brasil e Alípio de Freitas não partilhava do aparente conformismo dos antigos camaradas de luta. Depois de ter trabalhado como vendedor ambulante de camisas e como jornalista d’*A Tribuna*, o português decide partir para Moçambique, primeiro, e regressar a Portugal depois, onde continuou ligado aos movimentos sociais.

Derrota não é seguramente palavra que faça sentido no vocabulário de um homem que sempre lutou com tudo o que tinha e não tinha pelos ideais de igualdade e justiça. Hoje, olha para trás com a serenidade que só os anos conferem aos homens e repete aquilo que sempre disse: “nós não fomos derrotados, só perdemos uma guerra. O que é muito diferente”. Muito crítico e atento ao que se passa à sua volta, Alípio de Freitas continua a confiar mais nos movimentos populares que nos partidos, pelos quais nunca quis alinhar. Ou não estivéssemos nós a falar do “homem de grande firmeza” que se tornou um verdadeiro símbolo vivo de resistência e revolução.

Patrícia Raimundo

OPINIÃO

## PEDRA FILOSOFAL

**SLOGAN, A ARTE (URBANA) DE DIZER COISA COM COISA (NA CIDADE)**

LISBOA CAPITAL REPÚBLICA POPULAR. A PRIMEIRA REACÇÃO QUE TIVE AO NOME DESTA ACONTECIMENTO FOI DE VAGO RECONHECIMENTO. A PARANGONA – UMA EQUAÇÃO ECOANDO VENTOS REVOLUCIONÁRIOS – SER-ME-IA RAPIDAMENTE ILUMINADA PELAS EXPLICAÇÕES DOS ORGANIZADORES. AH...A MEMÓRIA DOS TÍTULOS DOS EMBLEMÁTICOS JORNAIS DE LISBOA, ENTRETANTO DESAPARECIDOS...” MAS DE QUE FORMA É QUE ESTE TÍTULO NOS CONVOCA? NO TEXTO QUE ME

### A ARTE TOTAL DA CIDADE

Devo dizer que vos falo, primeiramente, de um lugar chamado “arte”, recorrentemente varrido pela energia do social, como se a pulsão pelo social fosse, de entre todas, uma dimensão fundamental do artístico que regressa sempre, irremediavelmente. Este é um social vermelho, não o cor-de-rosa. É o lugar da inscrição do povo e do comunismo, tal como Richard Wagner apregoava (não interessa com que telhados de vidro) em 1849, décadas antes do outro, dito “real”. É uma arte generosamente política, eminentemente urbana, e o lugar discursivo que nos lembra a cada nova geração que somos sempre Povo, em que lugar que estejamos da provisoría hierarquia dos poderes. Mais de cem anos depois, muitos criadores que revolucionariam a arte dos anos 1960 lerão Wagner à sua maneira, a começar por Joseph Beuys, que vai propor um princípio para a totalidade em arte como utopia-môr da revolução total do social: Cada Homem um Artista! Ora, no nosso tempo, que arte honra o comunismo artístico de Wagner e o compromisso com a democracia criativa de Beuys? E já agora, que arte é LISBOA, é CAPITAL, é REPÚBLICA, é POPULAR? Digo que é a arte pública, a arte da cidade. Em particular a arte que, face aos discursos sobre a esfera pública, e propriamente no espaço público, ousa violentar o sistema de forma tanto mais eficaz e persuasiva quanto coloca em causa o seu próprio estatuto. Arte em ponto crítico.

Falo da arte que suspende a sua arrogância institucional e celebra a cidade vivida, o poder instável, a democracia em construção quotidiana e uma emoção colectiva que reinscreve a cada nova geração novas e velhas imagens de pessoas juntas, de pessoas sentindo-se juntas. Penso, por exemplo, nos monumentais graffitis que trouxeram a imaginação para a paisagem da Fontes Pereira de Melo... estão ali os sinais de uma comunicação irremprimível do social. Mais do que os méritos “artísticos” (*street art*), o que ali nos convoca é a escala que nos rouba a atenção: os valores partilhados que nos interrompem o fluxo do dia e nos obrigam a abrandar para pensar. Um edifício vazio, subitamente, afirma algo na forma urbana... Ao mesmo tempo, para os lados da Expo, o Jardim das Ondas repete, dia após dia, a sua utopia convivial: as pessoas, deitadas, sentadas, aos pulos, sentem-se parte de uma forma que as acolhe num silêncio sem palavras. Noutras raras situações ainda, em fugazes ocasiões teatrais, a arte implica-se com o momento certo para a afirmação de uma ideia qualquer. É o que acontece na provocação do happening, ora artístico, ora puro encontro entre protagonistas anónimos e as oportunidades que se lhes ofereceram para comunicar.

Não faltam no mundo, da arte ao media, da publicidade à música, ocasiões de súbita



ENVIARÁM, LISBOA CAPITAL REPÚBLICA POPULAR “VISA ABORDAR AS GRANDES CAUSAS QUE MOVERAM OS PROTAGONISTAS DA REVOLUÇÃO DE ABRIL” E “ESPELHAR A ACTUALIDADE DESSAS MESMAS CAUSAS [...] NESTA EDIÇÃO, O TEMA CENTRAL SERÁ A LIBERDADE DE EXPRESSÃO”. HUM... POIS BEM, QUE POSSO EU DIZER A PARTIR DA MINHA POSIÇÃO DE INTELLECTUAL “ENGAJADO”? SE CALHAR, QUE NÃO HÁ LIBERDADE DE EXPRESSÃO SE NÃO HOVER CAPACIDADE DE EXPRESSÃO.

identificação entre o sentir colectivo e as formas expressas pelos criadores apanhados na dinâmica do social. Por vezes, essas situações são intensamente vividas no terreno das palavras de ordem, dos slogans, espontaneamente adoptados pelas massas. Penso nos Deolinda, claro. Mas a atitude defensiva da banda face ao acontecimento terá sido de molde a potenciar o poder comunicativo da canção em que se viram envolvidos? Terão arriscado sair da pele de artistas pop e perceber, antes de tudo o mais, de que Povo fazem parte e são inevitavelmente a voz colectiva? Já Os Homens da Luta assumem de forma *sui generis* a difícil arte do compromisso político, e perante várias gerações. Para espanto dos mais empedernidos “reaças” – à esquerda, à direita, ao centro – tiveram “tomates” para legitimar a revolta popular no terreno paródico da Cegada. Será preciso lembrar que a paródia só funciona quando gozamos com aquilo com que nos conseguimos envolver emocionalmente? Afinal, foi com paixão que todos votámos na net para que a cantiga – que pelos vistos ainda é uma arma — fosse à Europa... luta, luta, camarada luta...

Há portanto uma diferença radical entre sermos ditos pelos slogans da nossa geração e construirmos individual e colectivamente um discurso individuado, o que apenas é possível quando temos capacidade de expressão, isto é, dominamos o discurso e os seus veículos (independentemente do que a televisão e o crivo popular sancionam). Afinal, nem todas as palavras de ordem nos dizem como Povo. E o slogan é o resultado de um esforço de síntese, mas também o lugar erótico de um encontro produtivo com o texto. Na ousadia, no humor, na ironia, na parvoíce, na poesia, no indizível, seja em que registo discursivo for, venham os slogans e sua irremprimível autonomia. Daí talvez possamos, hoje como antigamente, fazer da memória também um espaço de diálogo com os sonhos de ontem.

Porque se trata, hoje e sempre, de celebrar Abril, o nosso Maio de 68 (Eduardo Prado Coelho), mas também de reiterar que, e isso não é necessariamente um paradoxo, nada ainda aconteceu (Kafka). Mas se Abril acabou, como sugeriu José Saramago em 1999, o que é que a arte pública do slogan tem a ver com isto? Resposta: ela é a contínua chamada de atenção para o dispositivo urbano como tela, palco e sobretudo página de uma existência colectiva, que entre revolução e festa, desânimo e burocracia e crise, não deixa de nos moldar o ser, mesmo que (ou sobretudo porque) disso estamos inconscientes.

Mário Caciro, designer, docente e investigador ESAD.CR

## OPINIÃO

# CONVERSA DE ESQUINA TORRE DE SOFRÓNIA

– Não tenho nada para dizer, caro Heráclides. A minha morte é uma maneira de falar. Se um homem bebe cicuta está a gritar as suas ideias. Repara, Heráclides, que eu prefiro morrer a calar-me e uma sentença destas soar pela eternidade.

– Tenho pena, Sócrates, de não voltar a ouvir-te.

– Não terás essa sorte, Heráclides. Lembras-te de Sofrónia? Era uma bela cidade de habitantes hospitaleiros. Tinha uma enorme praça onde Fídias deixou uma das suas obras mais memoráveis, a estátua de Hera, e largas avenidas de pedra. Os edifícios eram decorados com estanho e cobre, e o povo usava tapeçarias citas nas janelas para se proteger do sol. Dario, filho de Histaspes, destruiu-a com o propósito de calar a voz de Anfimaco, o seu habitante mais ilustre e mais sábio. Talvez não te lembres dele, mas terá sido o filósofo mais importante do nosso século, um orador soberbo, apesar de nunca ter tido o favorecimento dos deuses no que respeita à sua imagem. Só tinha um braço, uma perna, uma orelha e não tinha nariz. O povo chamava-o meio-homem. Curiosamente, nunca houve ninguém tão completo. Quando o exército de Dario, composto por dez mil soldados, entrou em Sofrónia e a destruiu sem misericórdia, Anfimaco ainda estava vivo. Dario encontrou-o em cima de uma das treze torres da cidade, a gritar a sua filosofia. Então, mandou matar todos os prisioneiros, todas as mulheres e todas as crianças, e Sofrónia encheu-se de sangue e de lamentos. Mas Anfimaco não parava de gritar. Doze torres foram derrubadas e, no meio do sangue e da devastação, sobrava apenas um edifício de mármore branco com meio-homem no cimo, a gritar. O filho de Histaspes apeou-se e mandou derrubar a décima terceira torre e o filósofo que gritava do pináculo. Um dos homens de Dario perguntou: qual filósofo? E Dario respondeu: aquele que grita no pináculo. O soldado insistiu: não há homem nenhum em cima da torre, ó Rei. E Dario compreendeu o seu erro: para mandar calar um homem havia destruído uma cidade e agora, era como se o filósofo estivesse a gritar para sempre. Tinha-o tornado imortal. É por isso, Heráclides, que quando me calar para sempre, far-me-ei ouvir como se estivesse a gritar do cimo da décima terceira torre de Sofrónia. Quando levantares uma pedra, Heráclides, aí estarei eu, quando caminhares pelas margens do Cesifo, aí estarei eu, quando conversares na ágora, aí estarei eu. Não é por acaso que dizem que sou um mosquito, persistente e inconveniente. Os homens ouvirão o meu zumbido. Terei uma eternidade para picar a soberba dos tolos.

– Compreendo, Sócrates. Se olhares para baixo, enquanto gritares da tua torre, poderás ver-me, atento às tuas palavras. Não as deixarei cair no chão, elas que vêm de tão alto. Saberei apanhá-las. Mas não deixo de me entristecer...

– Não terás motivos para tristeza, Heráclides. Eu, depois da cicuta, poderei filosofar à vontade. Os deuses não foram benevolentes com o meu rosto e o meu corpo é uma fonte de problemas. Não sei se fui um bom filósofo, mas fui com certeza o mais feio. Agrada-me a possibilidade de me libertar desta comédia que é o meu corpo. Poderei então filosofar livremente, sem dores de costas, e tornar-me-ei um homem abstracto, transformar-me-ei nas minhas ideias. E quando uma pessoa tentar conhecer-se a si mesma, essa pessoa serei eu. E sempre que alguém compreenda o tamanho da sua ignorância, essa pessoa serei eu. Andarei a gritar do cimo da torre de Sofrónia que, depois de destruída, passou a existir dentro dos homens. E eu também serei incompleto como Anfimaco, ainda mais incompleto, mais desprovido do corpo físico, mas mais completo do que nunca. Anfimaco de Sofrónia não tinha uma orelha, nem nariz, nem um braço, nem uma perna. E eu ainda terei menos, muito menos, serei uma ideia sem cabelos, sem olhos, sem boca, sem os dois braços e as duas pernas. E, contudo, aparecerei a gritar no pináculo da torre de mármore branco, essa arquitectura que cresce dentro de todas as pessoas que se interrogam e se tentam conhecer a si mesmas. A morte não cala homem nenhum, pelo contrário, leva-o para cima de uma torre.

– Não achas que somos lavados pelas águas escuras do Letes e em vez de ideias, tornamo-nos esquecimento?

– Não sejas tolo, Heráclides. Caronte será pago condignamente. Todos nós somos feitos de memórias que não interessam. Terei o maior prazer em atirá-las para o Letes. É uma forma de nos purificarmos daquilo que acumulamos. Mas não há rio nenhum capaz de lavar uma boa ideia. Enquanto os pastores criam laços com as suas ovelhas, o filósofo cria ligações às suas ideias. Se me perguntares o que pretendo salvar de tudo o que possuo, livrar-me-ei de imediato destas vestes, deste corpo e salvarei, com todas as minhas forças, as ideias. Tudo o que tenho feito, caro Heráclides, é nutrir um corpo que tem crescido dentro deste que todos vêem, um corpo feito de pensamentos. Um deles morrerá e será terra, e outro viverá para sempre, viajando através da boca e dos ouvidos. Entre uma boca e um ouvido, há filósofos mortos, Heráclides. É esse o nosso mundo, o nosso Hades. Nenhuma ideia morre envenenada com cicuta.

Heráclides baixou a cabeça e Sócrates repetiu:

– Nenhuma ideia, caro Heráclides, morre envenenada com cicuta.

Afonso Cruz, escritor, ilustrador e músico

## QUESTI-NÁRIO

# QUESTIONÁRIO DA MORDAÇA O CANTADOR J.P. SIMÕES RESPONDE À LETRA AS PERGUNTAS PROPOSTAS EM NOSSO DESAFIO

CENSURA OU CLAUSURA?

Mesura.

ESCRITO OU DITO?

Ditado.

DITO OU FEITO?

Enfeitado.

FEITO OU PENSADO?

Pouco importa se a culpa já estiver formada.

LÁPIZ AZUL OU VERMELHO?

Azul para os olhos, vermelho para os lábios.

PIDE OU INFORMADOR?

Recuso-me a responder. (Mas, já que isto é um jogo, pagava 100 pontos para ver qual seria a tua opção quando te apertassem as entranhas num torneio e te cortassem os teus mais queridos e valiosos laços com os outros e te ameaçassem com a humilhação ou a morte de quem amas. Não te deixes apanhar e assim ganharás os 500 pontos e uma vida extra: isto, claro, se tiveres dinheiro para jogar, se não, podes recorrer ao crédito, mas perdes a vida extra.)

INDEX OU LEX?

Olex, O Grande Restaurador.

CENSOR OU REVISOR?

Revisor de sensor apurado é o melhor amigo do autor consagrado.

PRINCIPAL CARACTERÍSTICA DA CENSURA?

O desejo de sossego universal.

O TEU SONHO DE CENSURA?

O sossego universal.

O TEU PESADELO DE CENSURA?

O sossego universal.

UM LIVRO PARA A CENSURA?

O Livro do Desassossego.

UMA FRASE IMPOSSÍVEL DE PUBLICAR?

Aquela que eu acabei de esquecer.

UM HOMEM IMPOSSÍVEL DE CENSURAR?

Um amnésico.

UMA MULHER ACIMA DE QUALQUER CENSURA?

Uma hospedeira de bordo.

A TUA MORDAÇA PREFERIDA?

O vinho.

# MURO VAZIO QUAL O SLOGAN QUE ESCREVERIAS HOJE NUMA PAREDE?

**“O POPO ESTÁ NA RUA. FOI DESPEDIDO.”**  
**“CUBA LIVRE, DUAS CERVEJAS E UM VISQUE COM DUAS PEDRAS DE GELO”**

Bibito, 43 anos, publicitário

**“ZERO TOLERÂNCIA PARA AUSÊNCIA DE LIBERDADE”**

Ana Margarida Fortes, 37 anos, bióloga

**“UMA REVOLUÇÃO POR DIA NÃO SABE O BEM QUE LHE FAZ!”**

Carmo Risques, 44 anos, produtora

**“A BUTA É ALGERIA!”**

João Costa, 35 anos, produtor gráfico

**“NÃO MAIS MARÉS QUE MARINHEIROS”**

Marta Melo, 49 anos, editora

**“TU? SAI PARA A RUA!”**

Tó Trips, 45 anos, músico

**“INCOMODEM-SE”**

Rafaela Ribas, 33 anos, directora da ArtHouse

**“LIBERDADE DE IMPRENSA, IMPRENSA VERDADEIRA. NÃO É PRECISO SER A PRIMEIRA!”**

Gonçalo Castro, 30 anos, produtor de rádio

**“PORTUGAL ESTÁ EM CRISE. O QUE É QUE TU MAIS PODES FAZER EM RELAÇÃO A ISSO?”**

Maria Inês Sousa, 27 anos, Estudante

**“PORTUGAL TEM HISTÓRIA E TEM FUTURO”**

Margarida Biléu, 47 anos, funcionária pública

**“FAVORÁVEL À DITADURA DO AMOR”**

Marzia Braggion, 30 anos, Costumer Service

**“BUY LESS LIVE MORE: SAVE WORLD RESOURCES FOR THE NEXT GENERATIONS”**

Ana Mestre, 32 anos, designer

**“PARA QUÊ... TUDO ISTO?”**

João Pedro Gomes, 45 anos, habilidoso

**“MEU DEUS, ELLES MENTEM-NOS, ENGANAM-NOS E ROUBAM-NOS, MAS PERDOA-LHES TU, QUE NÓS JÁ NÃO SOMOS CAPIZES”**

Nuno Ricardo Costa, 34 Anos, trabalhador por conta de outrem

**“DIZ NÃO À DERISÃO”**

Carmo Ornelas, 66 anos, virologista

**“CRISE, TIRA ESSE PESO DOS OMBROS?”**

Tiago Gomes, 39 anos, editor e performer

**“ESTOU DE DIETA HÁ 2 SEMANAS, JÁ PERDI 3 KG?” (NA PAREDE DO BANCO MUNDIAL CONTRA A FOME)**

Luis Marques da Cruz, 31 anos, argumentista.

**“SE É DA CRISE NÃO HÁ CRISE, SE É UMA CRISE ENTÃO QUE PASSE”**

SirScratch, 25 anos, músico

**“ESTA CIDADE NÃO É UMA CIDADE: É UM VÍCIO!”**  
**“POR QUE NÃO TENTAR OUTRO PONTO DE VISTA?”**

Inês Melo Campos, 20 anos, estudante

**“TUDO O QUE ESCREVEREMOS FICA SO ENTRE NÓS”**

Pedro Silva, 29 anos, escritor/poeta

**“VICIUM E DELICEM VIVER”**

Maria Mendes, 35 anos, recepcionista

**“POWER TO THE PEOPLE”**

André Machado, 30 anos, asset manager

**“ESTE FUTURO NÃO!”**

António José Tavares Pais, 44 anos, administrativo de uma companhia de seguros

**“AMA, VIVE, OUVI, SENTI, ATREVE-TE!”**

Adriana Lourinho, 30 anos, sales advisor na H&M

**EU QUERO UM FRANCHISING DAS FINANÇAS\***  
**\*O NEGÓCIO MAIS SEGURO DO MUNDO**

Ana Rita, 36 anos, produtora e editora de vídeo

# VOCEPEROS

SLOGAN VEM DO GAÉLICO-ESCOCÊS “SLUAGH-GHAIRM” QUE SIGNIFICA, LITERALMENTE, “GRITO DE GUERRA”.ADOPTADO PARA O INGLÊS, A PALAVRA GANHOU O SEU ACTUAL SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA A PARTIR DOS GRANDES MOVIMENTOS POLÍTICOS NASCIDOS NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

UM SLOGAN É UMA FRASE CURTA E APELATIVA, DE FÁCIL MEMORIZAÇÃO, QUE É USADA NUM CONTEXTO DE AFIRMAÇÃO E DE REITERAÇÃO DE UMA IDEIA OU PROPÓSITO. FUNCIONANDO COMO DIVISA, O SLOGAN AFIRMA-SE EM CONTEXTO POLÍTICO, RELIGIOSO OU AINDA COMERCIAL. O TIPO DE SLOGAN VARIA CONSOANTE A FORMA EM QUE É EXPRESSO, SENDO QUE PODE SER MANIFESTADO ORALMENTE, POR ESCRITO OU APENAS VISUALMENTE. ENQUANTO INSTRUMENTO DE IMPACTO, O SLOGAN APRESENTA UMA FORMA SIMPLES, GENERALISTA E RETÓRICA, ABARCANDO SOBRETUDO O COLECTIVO E NÃO O INDIVIDUAL. OUTRA DAS CARACTERÍSTICAS DESTA FORMA DE AFIRMAÇÃO DE UMA IDEIA OU CONCEITO PRENDE-SE COM A AUSÊNCIA DE ESPECIFICAÇÃO OU DETALHE NA FORMA EM QUE É EXPRESSO OPTANDO POR QUASE SEMPRE DAR UMA IDEIA “DO TODO PELA PARTE”. NESTE SENTIDO, O SLOGAN POLÍTICO CENTRA-SE NUM ÚNICO OBJECTIVO OU CONCEITO ENQUANTO O SLOGAN PUBLICITÁRIO PROCURA A IDENTIFICAÇÃO COM UM DETERMINADO PRODUTO OU SERVIÇO.

NO CONTEXTO PORTUGUÊS, O PERÍODO IMEDIATAMENTE A SEGUIR À REVOLUÇÃO DE ABRIL FOI PARTICULARMENTE FÉRTIL EM SLOGANS, DE NORTE A SUL, E DECORRENTE DA RECÉM-ADQUIRIDA LIBERDADE DE EXPRESSÃO, SURTIRAM INÚMERAS FRASES QUE FUNCIONARAM COMO MOTE, APELO E DIVISA DE MUDANÇA POLÍTICA E DE ESPERANÇA. PASSADOS 37 ANOS, E COMO FORMA DE AFERIR QUAIS OS ACTUAIS ANSEIOS, LANÇAMOS O REPTO A VÁRIAS PERSONALIDADES PEDINDO-LHES QUE COMENTASSEM UM SLOGAN REVOLUCIONÁRIO.

## “A CANTIGA É UMA ARMA”

Pedro Vieira, escritor/ilustrador

Quem fala a nossa língua, que é a nossa pátria, como dizia o senhor que era muitos, tem uma relação profunda com a cantiga; de amigo e de escárnio, noutros tempos, de desconfiar quando se diz “eu cá não vou em cantigas”, de intervenção quando foi tempo dela, quando se lhe colou o rótulo da arma, quase sempre descarregada, afinal, que é feito dos amanhãs que cantavam e dos aviões em fuga para o Brasil, cheios de notas e de medo das mais belas melodias? E que dizer do avô cantigas, autêntica arma apontada à cabeça das nossas crianças? A cantiga como arma morreu, pim, como rematava outro poeta, mesmo que agora toda a gente fon-fon-fon-fon com aquela malha da Deolinda. A cantiga é um epifenómeno, pá.

## “JUNTA A TUA À NOSSA VOZ”

José Luís Peixoto, escritor

Com 19 anos, numa férias de Verão em Mil Fontes, tive uma namorada da JCP. Costumávamos cantar essa e outras. Separámos as vozes no início de Setembro, na Festa do Avante. Ficou a recordação.

## “NÃO PERMITAM QUE OS MÉDIA DETENHAM O MONOPÓLIO DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO”

José Mário Silva, jornalista e poeta

Avancemos com um silogismo: os bens de primeira necessidade nunca devem estar sujeitos a monopólios; nenhum bem de primeira necessidade é mais essencial do que a liberdade de expressão; logo, a liberdade de expressão não deve estar sujeita a qualquer monopólio – seja dos média, seja de quem for. A liberdade de expressão, como eu a entendo, é para ser vivida e respirada por todos, ainda e sempre nos jornais, mas também nos blogs, no Facebook, nas paredes da cidade. Nos últimos anos temos vindo a perder, com assustadora rapidez, direitos adquiridos à custa de muitas lutas, de muito esforço. Mas se nos tiram a liberdade de expressão, tiram-nos tudo.

## “O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO”

Luanda Cozetti, cantora dos Couple Coffee

Quando se une o povo? Quando é que passa de multidão, massa, plebe, turba para... povo unido que jamais será vencido? Infelizmente só quando já o foi... ou usando uma metáfora do mundo do boxe: “porque viver é lutar”. Especialmente quando se está mesmo encostado às cordas ou beijando a lona! O povo unido jamais será vencido... bem, preferia que o povo instruído jamais fosse ludibriado, mas também sei que um slogan precisa de rima, de ritmo, de cadência... para que a história possa evoluir com graça pelas avenidas e praças das cidades do mundo... Então que tal “O povo educado jamais será tramado”? Se não... jamais, pelo menos não com tanta facilidade...

## “VIVER O PRESENTE”

João Pombeiro, jornalista e editor executivo da revista LER

Quase meio século depois do Maio de 68, “viver o presente” é, hoje, apenas uma triste inevitabilidade em Portugal. Um manual de sobrevivência sem acenos de flower power ou futuros oníricos – só pedras da calçada, Sócrates forever e pouco pilim. Entalados entre o rastilho da incúria de décadas dos governantes, a nossa preguiça e os comprimidos do FMI, restam-nos manifestações à rasca, a emigração e a liberdade de expressão. Viver o presente tornou-se um caminho para o abismo, com palas de cavalo. Exagerado? Não. Estou é lixado. Rima e tudo.

## “LUTAR CONTRA O IMPOSSÍVEL E VENCER”

Paulo Ferreira, escritor e consultor editorial da Booktailors

Não sabemos nunca se vamos vencer, quando entramos dentro de um ringue – seja de lutas ou mãos nuas. Felizmente, temos generosas doses de inconsciência pelo que o impossível, lá diz a marca, não existe. Mais a mais, somos nós muitas vezes que criamos as barreiras e as fronteiras, cabendo-nos a nós igualmente derrubá-las quando estas nos apertam o peito. Fica mais fácil se não estivermos sozinhos. Pode ser um placebo, pode ser uma vontade anódina. Mas que nos torna mais fortes disso estou seguro. Já lá diz o povo: por trás de uma grande mulher, está sempre um homem. Ou o contrário, ou lá que é.

## “A LIBERDADE É A CONSCIÊNCIA DA NECESSIDADE”

Ana Cristina Ferrão, escritora e radialista  
Auto da OquEstrada da Liberdade e do seu Tango com a Incrível Tasca da Consciência de Necessidade

Nas ruas e aorais da barca brada: “Às Barcas, às Barcas! Olá! Que temos gentil maré, gentes venham já aqui meter o pé”. Impossível ignorar o chamamento, que rodopia nos ares e entra pelas janelas e hipnotiza quem o ouve. Um corno em forma de cornucópia destaca-se na multidão, que se acotovela na direcção ao cais, e mal se ouve o que murmura: “Myutieramá! Está na hora de escolher qual a barca em que iremos navegar. É hora de convocar o concílio do outro mundo”.

Assim numa noite estrelada, no sítio da Pimenteira, é lançado o alerta de concílio que percorre os subúrbios da Capital. É o chamamento ao estudioso Corvo, à inefável Fada Miranda, ao operário da cultura Mãos de Prata, ao lunar Unicórnio. O chamamento para a reunião na casa do Anjo ali à beira da mãe d’água. A casa do Anjo saúda-os com tango, flamengo, touros e toureiros, personagens vivas, que saem das paredes e se sentam à mesa com os comensais solitários. Embarcar ou não embarcar: esta, como se verá, será a menor questão.

Corvo: Somos todos filhos de uma ideia em que a Arte tem forçosamente de ter um serviço sinérgico com a comunidade. O resultado dessa sinergia, para o Bem e para o Mal, é mais que a soma das partes.

Fada Miranda: A nossa bandeira é um país em transição, económica e social, é a nossa consciência da necessidade de fazer tudo com a entrega, o pensamento e a paixão, com o desejo de criar e recriar, de promover o outro e este país de Luz, ainda oculto. E se a barca fosse nossa, para onde a iríamos levar?

Fada Miranda: À Vida, à Realidade, ao Sonho Português, a capital vive alimentada das gentes dos subúrbios, daí o nosso canto: o Fado dos Subúrbios. O popular tem de ser reinventado, porque o popular é o contemporâneo.

Corvo: Mas se vem uma onda contra nós devemos enfrentá-la ou surfá-la?

Mãos de Prata: Quando fazemos a arte pública, falamos dos micro-monumentos vivos, das memórias das pessoas, das relações vividas. Construímos uma fábula enraizada no mundo real dos nossos vizinhos, dos nossos heróis, da gente comum.

Unicórnio: E o Tempo? Já houve tempo para tudo. Agora será que não há?

Fada Miranda: Fazemos a nossa “renda de bilros” construindo os espaços cénicos e depois não temos tempo para a mostrar, para a pôr na montra. O nosso tempo é aplicado na conquista da comunidade, na conquista da confiança, na preocupação com a viabilidade, com a vida dos outros que entram na nossa aventura. É a nossa liberdade, é a nossa responsabilidade por ter actores reais a representar a vida real. É a fábula da vida real.

Unicórnio: Existem realidades paralelas à nossa neste país minúsculo, onde a necessidade é ao dia mais premente e a liberdade exercida menos consciente, esta fábula também tem predadores.

Fada Miranda: Viver o imprevisto, a rua, a arte pública, lado a lado com urbanistas, arquitectos. Intervir sobre o espaço público, com pessoas “reais”, da nossa rua, que nunca entraram numa escola de teatro. O trabalho é descobrir o registo dessa pessoa e integrá-la no quadro cénico que pretendemos criar.

Corvo: E o espaço para o mito? O criador

tem um imperativo: ser egoísta e generoso ao mesmo tempo. Uma coisa é fazer a Arte que achamos que está certa, mas talvez não a Arte certa. Fazer aquilo que se pode fazer e não aquilo que se quer fazer. Olhem para o Kafka, tinha um sonho que era escrever romances e nunca conseguiu.

Fada Miranda: Se eu pudeses fazer o que queria, se calhar não fazia o que faço agora e que adoro fazer. Faria outras coisas: textos meus, ser actriz. Tenho uma responsabilidade muito maior, existe um desafio de fazer acontecer, de fazer a mudança, de promover os valores deste país. Fomos metidos num caldeirão sem se ter em conta a semente que lançámos. Obrigados aqueles que abrem caminho há mais tempo.

Corvo: Portugal foi colonizado, matámos a cultura popular, a música popular portuguesa. Este é o país que foi vendido a retalho para campos de golfe! Temos de ter o pé noutro sítio, sangue africano, cabo-verdiano, angolano, árabe, francês.

Mãos de Prata: Somos a geração do consenso, somos todos iguais e todos diferentes – um consenso. Aqui, em Portugal, apenas temos um problema de dimensão, muitos passam despercebidos por não existir quem os “veja”. Outros, trilhram caminhos já conhecidos, focam-se na divulgação e atingem o reconhecimento. Os códigos têm de ser desmantelados e divulgados!

Unicórnio: Senhores, vivemos tempos em que mais vale parecer do que ser.

Mãos de Prata: Quando nos assumimos como operários da cultura, temos de arcar com as consequências, pois trilhar caminhos inovadores e criativos mingua o tempo e a disponibilidade para o anúncio daquilo que fazemos.

Corvo: Precisamos de incluir os mediadores no paradigma do processo criativo.

Fada Miranda: Durante muitos anos nós falámos do fado dançado, da energia e da força vital que é o fado. Não temos nada contra a tristeza, pelo contrário. Só conseguimos fazer a festa quando sabemos o que é a tristeza. Só! Conhecer a tristeza e a saudade e como dar a volta a isso. Essa é nossa essência.

Unicórnio: E se tivéssemos liberdade para mudar o passado, refazer a história?

Fada Miranda: Vou-vos contar a história do Mãos de Prata, é uma história linda, do francês que veio para Portugal aos trinta anos de idade. O francês que nasceu num subúrbio em França numa rua só de portugueses. O Mãos de Prata, em adolescente, tinha apenas amigos com nomes como Manuel, José e João. Cada Agosto, via-os partir rumo a Portugal, no Renault 12. No fim das férias, eis que voltavam com o porta-bagagem cheio de bacalhau e azeite. Portugal passou a ser parte do imaginário deste jovem que, anos depois, invadiu o espaço público da sua cidade natal, ao lado de muitos dos nomes de referência das artes de rua locais. Dividido entre o pensamento e a oficina, tinha um sonho: viver em Portugal. Um dia informou os amigos que o iria concretizar. Os amigos franceses atónitos, perguntaram-lhe: “O que vais fazer para lá?” Os amigos portugueses, de olhar esbugalhado, perguntaram-lhe: “O que vens fazer para cá?” Sozinho no seu desejo pelo território português, o nosso Mãos de Prata meteu-se ao caminho e está cá.

O Unicórnio tirou a cornucópia e lançou-a pelo ar: Ficamos em Terra! Pela Liberdade e por OquEstrada! Oxalá! Oxalá!

# A MELHOR A PLAR

1. A LIBERDADE DE EXPRESSÃO FOI CONSAGRADA PELA PRIMEIRA VEZ POR ESCRITO EM QUE SÉCULO?

- A) XVI  
B) XVIII  
C) XX

2. EM QUE DUAS CONSTITUIÇÕES SURGE, PELA PRIMEIRA VEZ E NO MESMO ANO, CONSAGRADO NA LEI O DIREITO À LIBERDADE DE EXPRESSÃO?

- A) NAS CONSTITUIÇÕES FRANCESA E NORTE-AMERICANA, EM 1789  
B) NAS CONSTITUIÇÕES INGLESA E NORTE-AMERICANA, EM 1818  
C) NAS CONSTITUIÇÕES FRANCESA E INGLESA, EM 1912

3. ONDE PODE SER ENCONTRADA A SEGUINTE FRASE: “TODO O INDIVÍDUO TEM DIREITO À LIBERDADE DE OPINIÃO E DE EXPRESSÃO, O QUE IMPLICA O DIREITO DE NÃO SER INQUIETADO PELAS SUAS OPINIÕES E O DE PROCURAR, RECEBER E DIFUNDIR, SEM CONSIDERAÇÃO DE FRONTEIRAS, INFORMAÇÕES E IDEIAS POR QUALQUER MEIO DE EXPRESSÃO”?

- A) NA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM  
B) NO PACTO INTERNACIONAL RELATIVO AOS DIREITOS CIVIS E POLÍTICOS DA ONU  
C) NA CONVENÇÃO EUROPEIA DOS DIREITOS DO HOMEM

4. EM QUE ARTIGO DA CONSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE 1976 ESTÁ CONSAGRADO O DIREITO À LIBERDADE DE EXPRESSÃO:

- A) ARTIGO 17º  
B) ARTIGO 27º  
C) ARTIGO 37º

5. QUAL FOI O ÚNICO LIVRO, PUBLICADO APÓS O 25 DE ABRIL, SOBRE O QUAL SE DISCUTIU A HIPÓTESE DE CENSURA NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA?

- A) *CARTA A FÁTIMA* DE LUIZ PACHECO  
B) *O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO* DE JOSÉ SARAMAGO  
C) *MADDY – A VERDADE DA MENTIRA* DE GONÇALO AMARAL

6. QUAL DESTAS TRÊS ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS OPTOU POR LIMITAR À INTERNET AS SUAS ACÇÕES DE DENÚNCIA DOS CRIMES RELATIVOS À LIBERDADE

DE EXPRESSÃO?

- A) DIGITAL FREEDOM NETWORK  
B) AMNISTIA INTERNACIONAL  
C) HUMAN RIGHTS WATCH

7. QUEM PROFERIU A SEGUINTE FRASE: “AINDA QUE NÃO CONCORDE COM UMA SÓ PALAVRA DO QUE DIZES, DEFENDEREI ATÉ A MORTE O TEU DIREITO DE AS DIZER”?

- A) GANDHI  
B) MARTIN LUTHER KING  
C) VOLTAIRE

8. EM QUE PAÍS DA UNIÃO EUROPEIA FORAM CENSURADAS PELA TELEVISÃO ESTATAL DUAS CENAS DE SEXO DO FILME *BROKEBACK MOUNTAIN*?

- A) FRANÇA  
B) POLÓNIA  
C) ITÁLIA

9. NA LISTA REFERENTE À LIBERDADE DE IMPRENSA NO MUNDO E PUBLICADA ANUALMENTE PELA ONG “REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS”, QUE PAÍS SURGE EM ÚLTIMO LUGAR?

- A) COREIA DO NORTE  
B) ERITREIA  
C) CHINA

10. O QUE MOTIVOU AQUELE QUE FOI, ATÉ HOJE, O MAIOR ATAQUE DE CENSURA AO SITE DA WIKIPEDIA?

- A) A PUBLICAÇÃO DA IMAGEM DA CAPA DE UM DISCO DOS SCORPIONS EM QUE APARECIA UMA PRÉ-ADOLESCENTE SEMI-NUA?  
B) A PUBLICAÇÃO NO ARTIGO SOBRE ISRAEL DE UM MAPA COM OS TERRITÓRIOS OCUPADOS ASSINALADOS A NEGRO  
C) A PUBLICAÇÃO DE UM ARTIGO SOBRE A WIKILEAKS

Respostas:

1. b | 2. a | 3. a | 4. c | 5. b | 6. a | 7. c | 8. c | 9. b | 10. a

# TOP SLOGANS SUBVERSIVOS

APROVEITANDO A MARÉ DE PALAVRAS DE ORDEM, O HUMOR TAMBÉM SE INSCREVEU NOS MUROS DA REVOLUÇÃO: **“ABAIRO A BELEÇÃO, VIRA O MOTOR A HÉLICO!”**  
**“O GATO DE BARCELON AO PODER, JÁ!”**

**“ABAIRO A FOICE E O MARTÉLO, VIRA O BLACK & DECKER!”**  
**“A TERRA A QUEM A TRABALHA, MORTOS FORA DOS CEMITÉRIOS!”**  
**“O SOCIALISMO ESTÁ EM CONSTRUÇÃO, VISITE O ANDAR-MODELO?”.**  
**“NEM MAIS UM CAROQUEIRO PARA AS BERRENGAS!”**  
**“ABAIRO A DITADURA, VIRA A COCA-COLA”**  
**“CASAS SIM, PALÁCIOS TAMBÉM!”**

**“O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO”**  
**“VIVER O PRESENTE”**  
**“LUTAR CONTRA O IMPOSSÍVEL E VENCER”**

# SOPA DE LETRAS

LOCALIZE ENTRE AS LETRAS DO QUADRO ALGUMAS DAS PALAVRAS DE ORDEM DOS MURAIS QUE DERAM COR ÀS RUAS DE LISBOA APÓS O 25 DE ABRIL. TENHA EM CONTA QUE ESTAS PODEM SER LIDAS EM QUALQUER DIRECÇÃO OU SENTIDO.

DEMOCRACIA | POVO | MFA | VOTA | ABAIXO | VIVA | UNIDADE  
LIBERDADE | REFORMA | PAZ | OPERÁRIO | VITÓRIA | SEMPRE

T	E	D	A	D	R	E	B	I	L
M	O	P	E	R	A	R	I	O	S
F	T	V	R	E	F	O	R	M	A
A	V	A	V	I	T	O	R	I	A
U	A	V	U	N	I	D	A	D	E
X	B	I	B	D	C	R	A	E	N
T	A	V	S	E	M	P	R	E	A
A	I	C	A	R	C	O	M	E	D
Z	X	U	O	V	S	P	O	V	O
G	O	V	O	T	A	B	Z	A	P

# TOP UTO-PICO

**GRÂNDOLA**

ZECA AFONSO

**TOURADA**

FERNANDO TORDO

**SOMOS LIVRES**

ERMELINDA DUARTE

**GRATO**

**VERMELHO AO PEITO**

JOSÉ BARATA MOURA

**PORTUGAL**

**BESSUSCITADO**

ARY DOS SANTOS

**PODER POPULAR**

JOSÉ AFONSO

**A CANTIGA É**

**UMA ARMA**

GAC

**ÁGUA NOBE EM**

**PEDELA DURA**

PEDRO BARROSO

**QUE FORÇA É**

**ISSA**

SÉRGIO GODINHO

**TROVA DO**

**CENTO QUE**

**PASSA**

ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA

# LISBOA CAPITAL REPÚBLICA POPULAR

MUSICBOXLISBOA.COM  
10. EUROS À VENDA EM BLUETICKET.PT E LOCAIS HABITUAIS

## *QUARTA . 14*

**ALDINA DUARTE +  
SOCIAL SMOKERS  
C/ J.P. SIMÕES + DEALEMA**

23H00

## *SEXTA . 15*

**ZECA MEDEIROS +  
VELHA GAITEIRA + CACIQUE 97**

23H30

## *SÁBADO . 16*

**RADIO MACAU +  
MANUEL FREIRE +  
OS GOLPES C/  
RUI PREGAL DA CUNHA**

23H30

